

OS
ANTIGOS
GREGOS

NO ACERVO DO MUSEU PARANAENSE
Recepção dos clássicos, Poesia Simbolista e Política



RENATA SENNA GARRAFONI

HISTÓRIAS DO PARANÁ



MUSEU PARANAENSE

IMAGEM DA CAPA

Banquete em homenagem a Emiliano
Perнета, no Passeio Público, Curitiba.
Acervo do Museu Paranaense.



RENATA SENNA GARRAFONI

OS
ANTIGOS
GREGOS

NO ACERVO DO MUSEU PARANAENSE

Recepção dos clássicos, Poesia Simbolista e Política

RENATA SENNA GARRAFONI

HISTÓRIAS DO PARANÁ



MUSEU PARANAENSE



Este livro foi produzido pela EDIÇÃO POR DEMANDA, por encomenda de seu autor, que detém todos os direitos de conteúdo, comercialização e distribuição desta obra.

DIAGRAMAÇÃO: EQUIPE EDIÇÃO POR DEMANDA

www.edicaopordemanda.com.br

Depósito legal junto à Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994 de 14 de dezembro de 2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Luzia G. Kintopp - CRB/9-1535
Index Consultoria em Informação e Serviços Ltda.
Curitiba - PR

G238 Garraffoni, Renata Senna
Os antigos gregos no acervo do Museu Paranaense
[recurso eletrônico]: recepção dos clássicos, poesia
simbolista e política / Renata Senna Garraffoni. —
Curitiba : SAMP, 2018.

Recurso on-line : PDF. — (Coleção Histórias do
Paraná, do Museu Paranaense).

ISBN 978-85-67310-42-8

1. Civilização grega. 2. Patrimônio cultural.
3. Museu Paranaense - Curitiba (PR). 4. Curitiba (PR) -
Cultura popular - História. I. Título. II. Série.

CDD: 306

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

OS
ANTIGOS
GREGOS

NO ACERVO DO MUSEU PARANAENSE
Recepção dos clássicos, Poesia Simbolista e Política

RENATA SENNA GARRAFONI

HISTÓRIAS DO PARANÁ  MUSEU PARANAENSE

Primeira Edição

CURITIBA
2018

Créditos

Governo do Paraná

Secretaria de Estado da Cultura



Apoio

Capa

Raquel Cristina Dzierva

Editoração e produção

Roberto Costa Guiraud – Designer



Revisão

André Braga Carneiro



Foto da capa

Banquete em homenagem a Emiliano Pernetá, no Passeio Público, Curitiba.
Acervo do Museu Paranaense.



Sociedade de Amigos do

Museu Paranaense – SAMP

Marionilde Dias Brepohl de Magalhães
Presidente



Apresentação da Coleção

Histórias do Paraná é uma coleção que reúne livros com diversos temas, diferentes métodos e diferentes abordagens. Seus autores narram acontecimentos e personagens que compuseram capítulos de uma história compartilhada, mas nem sempre harmoniosa, cujo cenário é o estado, embora não seja uma história do estado.

Nosso objetivo é apresentar os múltiplos olhares com que se pode ler os acontecimentos e, de modo igual, como a história pode ser entendida em sua diversidade; de visões de mundo, ações, sentimentos, ideias, interações recíprocas. Histórias que até podem ter um começo, mas que não se acabam, porque interferem em outra e mais outra.

Esta iniciativa visa difundir o conhecimento de fatos que afetaram o cotidiano dos paranaenses e também de novas propostas historiográficas, afastando-se da noção de que uma história única seja possível; na *Coleção Histórias do Paraná*, o leitor poderá dialogar com autores que debatem e, por vezes, confrontam experiências que carecem ser compreendidas em sua pluralidade.

O Museu Paranaense cumpre, com mais esta iniciativa, o objetivo de ampliar e dotar de visibilidade fragmentos do nosso patrimônio imaterial, esperando com isto atrair a atenção de pesquisadores e educadores dedicados à memória histórica e cultural do Paraná. Oferece ainda, instrumentos que subsidiem a educação informal e a formação acadêmica complementar, ao mesmo tempo em que promove o conhecimento científico do patrimônio sob sua guarda.

Agradecemos à Sociedade de Amigos do Museu Paranaense, à Fundação Araucária e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pelos recursos destinados a estas publicações, a partir, respectivamente, da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura do Governo Federal e do Programa Núcleo de Excelência – PRONEX, da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Paraná em parceria com o Ministério de Ciência e Tecnologia do governo federal.

Ao leitor, nosso convite para adentrar no mundo do pensamento tornado ação.

Marion Brepohl de Magalhães

Presidente da SAMP

Renato Carneiro Jr.

Coordenador do

Sistema Estadual

de Museus e

Diretor do

Museu Paranaense

A Pedro Paulo Abreu Funari

Agradecimentos

Sou grata aos e às estudantes do curso de graduação em História da UFPR que fizeram parte do PET-História no ano de 2012, como bolsistas ou voluntários, e que se empenharam tanto em estudar a revista *Joaquim*. Foi como tutora dessa pesquisa que me deparei pela primeira vez com a coroação de Emiliano Pernetta como Príncipe dos Poetas, encontro fortuito que deu origem a esse livro. Ao longo desses anos, para que esse trabalho fosse possível muitas pessoas colaboraram, então agradeço aos e às seguintes colegas: Anamaria Filizola, Ana Paula Vosne Martins, Claudio Carlan, Claudio Willer, Fábio Vergara Cerqueira, Gabriele Cornelli, Glaydson José da Silva, Guilherme Gontijo Flores, Isabella Tardim Cardoso, José Geraldo Grillo, José Otávio Guimarães, Maria Cecília Coelho, Maria Tarcisa Bega, Marion Brepohl, Martha Becker, Paulo Vasconcelos, Pedro Paulo Funari, Priscila Vieira, Rafael Rufino, Renato Carneiro Jr., Richard Hingley, Rodrigo Tadeu Gonçalves, Roseli Boschilia, Tatiana Takatuzi. Institucionalmente devo agradecer ao Departamento de História da UFPR, ao Museu Paranaense, à Sociedade de Amigos do Museu Paranaense (SAMP), à Secretaria da Cultura do Estado do Paraná e ao Programa PET (MEC-SISU) pela bolsa de tutoria de setembro de 2010 a agosto de 2016.

A todos e todas, muito obrigada!

Sumário

Um início inesperado ou como cheguei a esse estudo	15
CAPÍTULO 1.	
GREGOS E ROMANOS ANTIGOS NA VIRADA DO SÉCULO XIX? REFLEXÕES SOBRE AS PRESENÇAS DA ANTIGUIDADE NA MODERNIDADE	23
O templo grego de Miss Barney.....	23
Gregos e Romanos nas Américas: questões teóricas e metodológicas.....	27
CAPÍTULO 2.	
GREGOS E ROMANOS NA CURITIBA DA VIRADA DO SÉCULO XIX.....	37
Da <i>Joaquim</i> ao Simbolismo: um percurso e várias questões.....	37
A Curitiba por onde andava Emiliano Pernetta e Dario Vellozo.....	43
Simbolismo, anticlericalismo e helenismo: os antigos gregos no cotidiano curitibano.....	47
CAPÍTULO 3. CATÁLOGO.....	51
BIBLIOGRAFIA CITADA.....	85

Não sou helenista ou latinista. Mas me pareceu que, com a condição de dedicar muito esforço, paciência, modéstia e atenção, era possível adquirir, com os textos da Antiguidade grega e romana, uma familiaridade suficiente; quero dizer uma familiaridade que permita, segundo uma prática sem dúvida constitutiva da filosofia ocidental, interrogar, ao mesmo tempo, a diferença que nos distancia de um pensamento que reconhecemos na origem do nosso e a proximidade que permanece, a despeito deste distanciamento que estabelecemos continuamente.

Michel Foucault

Um início inesperado ou como cheguei a esse estudo

Ao contrário do que muitos possam pensar, nem sempre uma pesquisa ocorre de maneira planejada, há algumas que escapam às convenções acadêmicas e surgem de incômodos ou de *insights* inesperados. Demoram algum tempo para tomarem forma, são desafiadoras por que nem sempre sabemos se estamos em um caminho adequado. É o caso desse trabalho que desenvolvi. Não é meu objeto de pesquisa principal, foi gestado em alguns anos, a partir de questões pessoais e encontros ao acaso que, aos poucos, por meio de debates com pessoas de diferentes áreas e incentivo de muitas delas, tomou a forma que ora apresento. Devido a essas particularidades, antes de fazer as discussões teóricas e as análises históricas, seria interessante explicar aos leitores e leitoras um pouco de minha trajetória, os caminhos e encontros fortuitos que me levaram à *belle époque* curitibana e a buscar no acervo do Museu Paranaense a materialidade das propostas literárias e políticas de Emiliano Pernetta e Dario Vellozo.

Não sou nascida em Curitiba, cheguei em 2004 e, aos poucos, fui desenvolvendo um carinho pela cidade, pelas pessoas que conheci e passei a conviver em minha nova condição: aos vinte e nove anos, tendo defendido o doutorado em História e Arqueologia Romana na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), fui aprovada em um concurso público e me tornei professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.¹ Tendo vivido praticamente toda a minha vida no

¹ A pesquisa foi orientada por Pedro Paulo Abreu Funari e financiada pela Fapesp, tendo sido publicada em 2005 pela primeira vez. Cf. Garraffoni, 2005.

interior de São Paulo, entre Ribeirão Preto e Campinas, com algumas idas e vindas por Barcelona, Roma, Londres e Heidelberg, oportunidades de estudo que tive ao longo de minha pós-graduação com apoio da Fapesp, pouco conhecia da história de Curitiba ou mesmo do Paraná. No entanto, algumas coisas me chamavam a atenção, pois, já que sempre me interessei por edifícios históricos, caminhar pela XV de novembro ou o Largo da Ordem me agradava muito.

Esse foi, portanto, o meu primeiro contato mais aprofundado com o passado curitibano, as caminhadas por seu centro histórico, os passeios com a família e os amigos, quando vinham me visitar logo após minha mudança, suas perguntas sobre esse ou aquele edifício, em especial os do entorno da praça Generoso Marques em direção à Catedral. Se a arquitetura e o urbanismo me chamavam a atenção, nem sempre tinha respostas às perguntas que meus amigos e parentes faziam, então, não foram poucas às vezes que perguntei a colegas e mesmos para os estudantes do curso sobre histórias desse ou aquele lugar. Posso dizer que de 2004 até 2012 minha relação com o passado curitibano era este: um prazer em caminhar pelo centro histórico acompanhada da família e dos amigos, pelo Passeio Público, mais aos finais de semana, e cotidianamente o trajeto entre o Prédio Histórico da UFPR até a Reitoria.

Nesse período, não imaginava que essas andanças, ora apressadas devido a algum compromisso nos diferentes *campi* da Universidade, ora vagarosa com amigos e a família para descobrir algum detalhe arquitetônico novo, algum símbolo Paranista antes não observado, fosse um dia se transformar em uma pesquisa. É a esse processo de transformação e acaso que me referi anteriormente. Como estudiosa da antiguidade clássica e atenta ao campo da recepção dos clássicos e dos usos do passado na modernidade, me chamava a atenção o ‘prédio histórico da federal’ quando passava por ali, mas nunca tinha me ocorrido fazer, por exemplo, uma análise de sua construção naquele lugar. Lógico que sabia que o ‘prédio

histórico' é símbolo da cidade de Curitiba e logotipo da Universidade Federal do Paraná, mas simplesmente achava interessante o fato de o prédio se encontrar na praça Santos Andrade, imponente e de frente para o Teatro Guaíra. Essa contraposição de um edifício ao estilo neoclássico a um construído como símbolo do Modernismo da cidade sempre me intrigou, mas parecia somente algo meio solto no tempo e no espaço. Pelo meu olhar de quem veio de fora, conhecendo ainda pouco da história local, não tinha percebido a série de confluências possíveis naquela praça e os projetos de poder das elites locais materializados em sua arquitetura.

Minha visão mudou radicalmente em 2012 ao acaso. Em 2010 assumi a tutoria do Programa PET-História.² Esse Programa é vinculado ao MEC e existe no Departamento de História desde os anos 1990, voltado para alunos de graduação, via bolsa de estudo ou trabalho voluntário, desenvolvendo uma série de trabalhos interdisciplinares com propostas de intersecção entre ensino, pesquisa e extensão. Naquela ocasião, tínhamos o hábito de escolher uma pesquisa coletiva anual, que todos os estudantes do grupo, bolsistas ou voluntários, se dedicavam a fazer. O tema era escolhido pelos estudantes, e em 2012 optaram por um trabalho de Literatura e História a partir da revista *Joaquim*.

Joaquim é uma revista de literatura que circulou em Curitiba de 1946 a 1948, idealizada e publicada por Dalton Trevisan, hoje escritor nacionalmente reconhecido, mas na ocasião ainda um jovem estudante do curso de direito da Universidade do Paraná, como a UFPR era chamada na

² Fui tutora do programa de setembro de 2010 a agosto de 2016. Entre 2014 e 2015 fechamos uma parceria do PET-História com o diretor do Museu Paranaense Renato Carneiro Jr, no qual realizamos uma série de trabalhos e oficinas com os estudantes do programa e aberta a comunidade da universidade e fora dela. Esses trabalhos incluíram estudo do acervo, mudanças no circuito expositivo. Um dos resultados foi publicado em forma de catálogo, cf. Carlan, Carneiro Jr e Garraffoni, 2015.

época. Para conhecer melhor os bastidores da publicação da revista, seus textos, as imagens de Curitiba ali expressas, enfim, para contextualizarmos seu aparecimento na cidade, recorremos a Sanches Neto (1998), estudioso do tema. Sanches Neto afirma que a revista é uma espécie de símbolo jovem do pós-guerra, um laboratório para escritores e artista de Curitiba ou ali residentes darem forma as suas ideias e angústias, questionando aspectos da literatura e artes nacionais. Publicando textos de autores de diferentes lugares e nacionalidades, as edições da *Joaquim* eram ecléticas, traziam textos de filósofos, de escritores, brasileiros e estrangeiros, conhecidos ou iniciantes – vale ressaltar que muitos contos de Trevisan foram publicados ali pela primeira vez – gravuras e ilustrações, além da publicidade de consultórios de médicos e advogados ou de lojas que financiavam sua impressão.

Ao ler essa tese de Sanches Neto, com a intenção de conhecer mais sobre o contexto de criação e divulgação da *Joaquim*, deparei-me, pela primeira vez, com o episódio da Coroação de Emiliano Pernetta como Príncipe dos Poetas. Sanches Neto se referia ao texto de Oscar Gomes (1981, 1ª edição 1911) “A sagração do Poeta”, discutindo como Trevisan e seu grupo de amigos se afastavam e criticavam essa postura dos poetas simbolistas de se aproximar dos gregos antigos. Essa informação me surpreendeu imensamente e, pela primeira vez, o fato de termos um edifício neoclássico como símbolo da UFPR fez sentido para mim. Encontrei, nessa referência *en passant*, uma informação que era nova e fascinante: havia, na virada do século XIX para o XX, um grupo de poetas em Curitiba que se dedicou à memória greco-romana e sua difusão na região.

Essa foi a porta de entrada para esse contexto tão singular da história de Curitiba. Embora a pesquisa coletiva do PET tenha se desenvolvido com os trabalhos de Dalton Trevisan, eu particularmente passei a ler mais sobre Literatura, Simbolismo, História do Paraná, recepção dos clássicos e usos do passado. Cada vez que lia sobre o tema fui descobrindo um

contexto literário e de circulação de ideias muito pungente, de conflitos políticos, de classe, étnico e de construção de identidade local. Fui percebendo que havia ali um campo pouco explorado: embora Bega (2013) tenha feito uma pesquisa de fôlego muito importante sobre a relação entre política e a literatura simbolista no Paraná, por exemplo, o que eu notei com a profusão de documentos escritos que me deparei é que estava diante de um material rico para um estudo da presença dos gregos e romanos e suas apropriações políticas e culturais por alguns poetas simbolistas. Ou seja, poderia discutir esse material sob o viés de uma história da presença e circulação dos ideais greco-romanos no Brasil antes de serem formalmente institucionalizados como História Antiga ou Literatura Clássica nas universidades do país. Esse *insight* ocorreu pois, por conhecer os debates europeus do século XIX para a constituição dos campos da arqueologia e história antiga, há tempos me perguntava como se deu essa relação no Brasil, já que a fundação formal de universidades ocorreu depois.

Lendo um pouco mais sobre os Simbolistas no Paraná e inspirada pelo trabalho de Sanches Neto e Bega, quando em 2014 iniciamos a parceria do PET-História com o Museu Paranaense me veio à cabeça a seguinte lógica: se o Museu Paranaense é uma instituição fundada no final do século XIX, deve haver acervo sobre gregos e romanos. De fato, observando a reserva técnica do Museu com a equipe de História e os estudantes do grupo PET nos demos conta que havia uma coleção de moedas romanas originais no setor de numismática e, então, realizamos um trabalho de catalogação e publicação desse material (Carlan, Garraffoni e Carneiro Jr., 2015), bem como a equipe do Museu preparou um espaço adequado para sua exposição no circuito permanente e, também, disponibilizou acesso *online*.³ Enquanto coordenava o trabalho com os estudantes, fiz várias

³ O *tour* virtual pode ser acessado em: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=216>

pesquisas de acervo e, qual não foi minha outra surpresa quando Martha Becker, que na ocasião trabalhava na equipe do Museu, me disse que a coroa de louros recebida por Emiliano Pernetta no evento de 1911 estava na reserva técnica. Ao vê-la conservada em sua caixa de madeira revestida por veludo foi impossível não me impressionar... Aquela narrativa de Gomes, referência de Sanches Neto, se materializava em minha frente!

Diante de mais esse encontro inesperado, propus, então, ao diretor do Museu Paranaense essa pesquisa nos acervos. Trata-se de um trabalho inicial, poderia dizer que é mais uma cartografia do acervo, uma primeira tentativa de mapear o que há nas reservas e biblioteca para se pensar a recepção dos gregos e romanos antigos na Curitiba da virada do século XIX e iniciar, de alguma forma, uma história dos clássicos da Antiguidade no Paraná a partir de sua relação com o Simbolismo. É por essa razão que o livro tem um formato mais próximo de um catálogo: trata-se de um levantamento inicial do que há nos acervos – tridimensional, biblioteca e fotografia – com uma discussão sobre o contexto histórico e propostas teórico-metodológicas de aproximação desse material, pensando que tais considerações possam inspirar novas pesquisas e um maior conhecimento da recepção dos clássicos na história das ideias políticas e na cultura paranaense nesse período. Não há, portanto, uma análise exaustiva do material que separei, mas procurei organizar de forma que possa ser útil tanto para aqueles que estudam a presença greco-romana na modernidade como para todos que se interessam pelo Simbolismo e o contexto histórico em que se desenvolveu no Brasil em geral e no Paraná em específico.

Como se trata de uma primeira abordagem, fiz algumas escolhas que explico nos próximos capítulos, mas de antemão já adianto que, considerando o que temos disponível no acervo, optei por trabalhar com documentos diversos que se cruzam com as vidas e escritos de Emiliano Pernetta e Dario Vellozo. Para tanto, o livro se divide em dois capítulos e o catálogo. No primeiro capítulo *Gregos e Romanos antigos na virada do*

século XIX? Reflexões sobre as presenças da Antiguidade na Modernidade apresento uma reflexão mais ampla sobre a relação entre Literatura, recepção dos gregos e romanos, política e modos de vida na Europa, em especial Paris, para, na sequência, focar no contexto latino-americano. Há várias formas de se abordar o tema, então nesse primeiro momento busco situar o leitor ou a leitora nesse emaranhado de possibilidades e trazer à tona uma reflexão sobre a diversidade de correntes literárias e sua circulação entre intelectuais e políticos (europeus e latino-americanos) do período.

No segundo capítulo, *Gregos e romanos na Curitiba da virada do século XIX*, busco traçar um panorama histórico e dos debates literários na cidade de Curitiba do período, para situar melhor como a presença de antigos gregos e romanos passam a fazer parte da escrita de Pernetta e Vellozo, bem como extrapolam os meios jornalísticos e literários e passam a fazer parte do cotidiano da cidade, construindo modos de vida particulares. Essa perspectiva é o que fundamenta o capítulo seguinte, o terceiro, catálogo com alguns comentários sobre o que há de material de pesquisa no acervo do Museu Paranaense acerca dos temas levantados. O catálogo, que encerra o livro, é, portanto, um convite para novas pesquisas, afinal a cultura material, os jornais, fotos e documentos sob guarda do Museu Paranaense constituem um acervo rico que pode abrir caminhos para outros olhares sobre o período, sobre o Simbolismo no Paraná e sobre os embates políticos e estéticos da presença antiga na modernidade.

CAPÍTULO 1

**GREGOS E ROMANOS ANTIGOS NA
VIRADA DO SÉCULO XIX?****Reflexões sobre as presenças da
Antiguidade na Modernidade****O templo grego de Miss Barney**

Paris é uma festa é uma das obras mais conhecidas de Hemingway. Escrita no final da década de 1950, retrata aspectos de sua vida em Paris entre 1921 e 1926. Entre muitas de suas narrativas, sonhos e expectativas, uma em particular me chamou a atenção:

Erza havia fundado com Miss Natalie Barney, uma americana muito rica e protetora das artes, algo que se chamava *Bel Espirit*. Miss Barney fora amiga de Rémy de Gourmont, um vulto da geração anterior a minha, e mantinha em sua casa um salão literário que se reunia periodicamente. Além disso, tinha um pequeno templo grego no jardim. Muitas senhoras americanas e francesas, com dinheiro sobrando, mantinham salões literários como esse, e eu cheguei logo à conclusão de que eram lugares excelentes para eu me manter afastados deles. Mas o Salon de Miss Barney, ao que eu saiba, era o único a possuir um templo grego no jardim.

Erza mostrou-me o prospecto que mandara fazer a respeito do *Bel Espirit*. Na capa, com a devida autorização de Miss Barney, a fotografia do tal templo. A ideia geral do *Bel Espirit* era de que todos contribuíssem com uma pequena parcela do que ganhassem para construir um fundo para o resgate de Mr. Eliot do banco em que trabalhava, a fim de que ele pudesse dedicar-se exclusivamente à poesia, sem preocupações de ordem financeira. A ideia me pareceu boa e, quando conseguirmos arrancar Eliot de seu banco, Erza achou que deveríamos continuar nossa cruzada e arrumar a vida de todo mundo.

(...)

O pequeno templo grego de Miss Barney deve continuar em seu jardim, creio eu. Foi uma pena que não tivéssemos conseguido tirar o major do banco apenas com os esforços do *Bel Espirit*, pois eu sempre sonhava vê-lo chegar ao templo, para ali passar a viver, e nos imaginava – a Erza e a mim – colocando em sua cabeça uma coroa de louros. Eu até já sabia onde conseguir os melhores ramos de louro e iria apanhá-los em minha bicicleta para coroa-lo, em companhia de Erza, sempre que o major se sentisse abandonado, ou quando Erza tivesse terminado a leitura dos originais ou das provas tipográficas de outro poema tão importante quanto *The Waste Land*. (Hemingway, 2014: 133-135)

Essa anedota é interessante por vários aspectos. Em primeiro lugar devido a relação ambígua que Hemingway estabelece com o salão de Miss Barney: por um lado diz que gostaria de se afastar, por outro, entende como um espaço em que seria possível viver de literatura sem um emprego formal. Essa tensão entre o devir poético, a presença dos clássicos, no caso os gregos, tanto na sua recepção estética como na materialidade do templo, e a busca pelo novo, parece ter sido parte relevante de um debate que se constitui na virada do século XIX até as primeiras décadas do século XX. A narrativa de Hemingway é sobre o cenário parisiense desse momento em meio a suas lembranças trinta anos mais tarde e, seguramente, sabendo das escolhas políticas posteriores dos

então jovens poetas Erza e Eliot ali relatados. Afastamento e fascínio por um passado que se transformava, suas palavras sobre a consagração e a coroação imaginada de Eliot desnuda toda uma forma de entender os clássicos na modernidade e, curiosamente, é possível perceber os ecos desse debate em Curitiba no mesmo período, razão essa pela qual inicio as reflexões sobre a presença greco-romana por essa passagem.

Para entender de forma mais ampla como os gregos surgem nesse trecho da narrativa de Hemingway e os significados simbólicos e culturais dessa retomada e os seus ecos nas Américas, é importante ter em mente que a Paris do final do século XIX e primeiras décadas do XX era considerada um lugar de questionamento de provincianismos; escritores de diferentes nacionalidades por lá circulavam ainda no rastro de Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé. Se esses três poetas foram um marco na renovação poética e alçaram o Simbolismo a um patamar internacional, William Marx (2011) afirma que o início do século XX eclodem uma série de movimentos literários, isto é, desde os que seguiam os caminhos traçados pelos simbolistas, comentando sobre o contexto urbano, os cafês, a multidão e a solidão, até os que iam na contramão, questionando não só o Simbolismo como o Romantismo. Nesse espaço de tensão, os clássicos greco-romanos têm um papel relevante e suas releituras são marcos estéticos e políticos.

Sabe-se, por exemplo, que Miss Barney e Pauline Tarn, mais conhecida pelo seu pseudônimo de Renée Vivien, estudavam e difundiam o grego antigo, portanto, não é por acaso Hemingway comenta sobre o templo da casa de Miss Barney: os encontros que ali se davam, seus salões, envolviam novas formas de se relacionar com a cultura clássica; a própria Vivien é conhecida por ter recriado, a sua maneira, os versos de Safo, inspirada, como destaca Fontes (1991), em sua relação amorosa com Miss Barney. Ambas adaptaram ideias simbolistas, e, por meio dos versos de Safo, trouxeram à tona o amor entre mulheres. Se por um

lado o retorno aos clássicos produziu um ambiente mais aberto para a produção de versos sobre o amor entre mulheres, por outro, William Marx (2014) destaca que essa presença é tensa, criando, no âmbito político, duas posições que se chocam e os poetas ou as poetisas aos poucos passam a se posicionar diante delas: a ideia do clássico como universal, presente em todos os tempos, responsável pela produção de utopias em contraposição à percepção dos clássicos como parte de identidades locais. O que William Marx chama a atenção é à quimera pós-revolução francesa que está se produzindo, um embate entre os traços singulares de uma nação e a missão universal advinda do colonialismo. Os valores produzidos e as percepções desses fenômenos, suas tensões e ambiguidades, são os pontos que o estudioso destaca, são eles que devem guiar os olhares de quem se aproxima desse ambiente estético, político e literário, pois dependendo de como a pessoa se posiciona diante dessas questões, gregos e romanos desempenham papéis distintos em suas narrativas e apropriações. Trata-se, portanto, da construção de novas formas de perceber o passado e o presente, retomadas históricas, com movimentos inesperados (Marx, 2014: 78).

Essa narrativa de Hemingway proporcionou meu encontro com a literatura de Miss Barney, Renée Viven, que até então desconhecia, e me fez olhar os escritos de Eliot de uma outra perspectiva. Já o templo grego na casa da primeira, dedicado à amizade, me fez perceber que essa presença ia além da estética poética, mas se entrecruzava com a arquitetura e os modos de vida. Assim, se eu conhecia os debates sobre os usos do passado greco-romano nos discursos de poder e na academia, Hemingway me apontou para as particularidades da Literatura e as formas como os poetas e as poetisas se relacionaram com os clássicos e traziam para seu cotidiano. Foi essa passagem que me fez perceber que havia algo por ali a ser explorado, que escapava ao que conhecia, e, ao mesmo tempo, me ajudava a entender as propostas multifacetadas de Emiliano Pernetta e Dario Vellozo em Curitiba no mesmo período. O caminho foi, então,

perceber que havia embates, nem todos se apropriavam da mesma forma dos gregos e romanos, como destacou W. Marx, mas mais do que isso, o desafio que os simbolistas paranaenses me lançaram foi perceber aqui o que Willer (2010: 32) já comentara: os criadores literários desse período não absorveram os antigos, suas filosofias e formas de pensamento; foram bastante originais, transformaram e reinventaram. Alguns, inclusive, subverteram a ordem vigente.

Explorar essas tensões e ambiguidades é um desafio que me inspirou conhecer mais esse contexto e levantar o que o acervo do Museu Paranaense pode contribuir, pois acredito que dessa forma possamos avançar em discussões sobre a relação entre antigos e modernos na virada do século XIX e, mais especificamente, chamar a atenção para um campo ainda pouco estudado no Brasil, a história da presença greco-latina antiga em nossa cultura e sociedade. Os debates que seguem são, então, convites para pensar apropriações, construções políticas e subjetivas a partir dos clássicos, rascunhos de caminhos possíveis para pesquisas futuras. Assim, antes de passar ao contexto de Curitiba e à potencialidade do acervo do Museu Paranaense, gostaria de apresentar alguns debates que acredito importantes para entender os processos de apropriação dos antigos nesse contexto.

Gregos e Romanos nas Américas: questões teóricas e metodológicas

Ricardo del Molino Garcia (2007), ao estudar o processo de Independência da Colômbia, enfatiza o florescimento, em Nova Granada, de um público leitor dos clássicos greco-romanos e analisa a percepção que as lideranças do movimento tinham dos escritos de Tácito, Platão e Cícero. Essa perspectiva permite ao estudioso discutir não só os usos

dos conceitos clássicos no processo, como também explorar a semântica política do contexto, a linguagem e retórica da Independência colombiana. Sua escolha por esse recorte é justificada de uma maneira que nos interessa aqui: Molino Garcia afirma que a recepção dos clássicos é muito estudada na Revolução Francesa e na Independência dos Estados Unidos, mas pouco conhecida nas independências na América Hispânica. Essa afirmação vai de encontro com o que já havia notado na historiografia para o contexto brasileiro, o pouco conhecimento da entrada dos clássicos nos discursos ao longo do século XIX e, portanto, um campo de estudos aberto e cheio de desafios.

Há menções a apropriações em outros contextos históricos da História do Brasil (Chevitarese, Corneli e Silva, 2008). É por meio da Literatura que os estudos sobre essa presença são mais perceptíveis, seja nos sermões do padre Antônio Vieira no século XVII, nas poesias mineiras do período da Inconfidência, como no trabalho de Odorico Mendes, poeta e político que viveu ao longo do século XIX e traduziu Homero e Virgílio. Esses exemplos mais conhecidos indicam que a presença greco-romana se deu em discursos de contexto religioso e laico, muitas vezes atrelados a visões políticas dos poetas e intelectuais que a ela recorreram. No entanto, quando miramos a historiografia brasileira sobre o século XIX, os estudos sobre o fenômeno são mais rarefeitos, em geral são menções rápidas quando da vinda da Família Real, da Independência, Proclamação da República ou Abolição. Também há estudos que mencionam a relação de D. Pedro II com as ciências humanas, em especial seus conhecimentos de Egiptologia, bem como a importância da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) para a difusão do positivismo comtiano, se tornando um importante meio de debate intelectual das percepções sobre História do Brasil, mas também de História Antiga em geral, Arqueologia

e pressupostos científicos das ciências humanas (Schwarcz, 1998).⁴

Entre tais estudos, *A formação das Almas*, trabalho clássico de Carvalho (2014), é uma referência importante para pontuar alguns aspectos relevantes para essa reflexão que proponho. Nessa obra, Carvalho já alertava para a diversidade do fluxo de ideias que circulava pelo Brasil a partir da segunda metade do século XIX, cujo auge leva à Proclamação da República em 1889. Entre os vários embates político-ideológicos, Carvalho destaca e analisa três correntes de ideias: o liberalismo americano e as ideias da independência dos EUA, o jacobinismo à francesa e o positivismo. O estudioso argumenta que, dos choques de tais ideias, há um transbordamento de símbolos que nutriram identidades diversas. Tais conflitos, portanto, foram fundamentais para organizar o passado, presente e o futuro da nação.

Embora não seja o foco central de sua análise, Carvalho aponta que cada corrente de pensamento traria, em seu bojo, formas específicas de leituras sobre os símbolos greco-romanos. A Revolução Francesa desempenha um papel importante nesse imaginário, pois com ela surge a possibilidade da educação pública e novas formas de formar almas, sendo o pintor Jacques-Louis David, entre os artistas, um grande expoente:

Para ele, no entanto, classicismo não era apenas um estilo, uma linguagem artística. Era também uma visão do mundo clássico como um conjunto de valores sociais e políticos. Era a simplicidade, a nobreza, o espírito cívico das antigas repúblicas; era a austeridade espartana, a dedicação até o sacrifício dos heróis romanos. O artista devia usar sua arte para difundir tais valores. (Carvalho, 2014: 11)

⁴ Para discussões ao longo do século XX e a institucionalização dos estudos clássicos nas universidades, cf. por exemplo, Silva, 2010; Garraffoni, Funari e Pinto, 2010.

Na leitura de Carvalho, David seria um dos primeiros artistas a perceber a importância do uso de símbolos greco-romanos na construção de novos valores sociais e políticos. De fato, em um outro trabalho realizado com minha colega Raquel Stoiani, argumentei que o uso de referências clássicas, atualizado e reforçado pelo Neoclassicismo encabeçado por David, além de marcar o embelezamento das cidades, dos lares e dos corpos, estabeleceu uma linha de continuidade com o passado, transportando à contemporaneidade, por meio de uma ponte imaginária, que parecia atravessar diretamente os séculos sem interrupções, os exemplos de civismo, moral, lealdade e sacrifício a serem seguidos pelos cidadãos franceses (Garraffoni e Stoiani, 2006).

Ao discutir essa apropriação de David, Carvalho defende que os brasileiros republicanos teriam se inspirado nos franceses e gerado uma disputa pelas diferentes versões de República. Assim, a recuperação de mitos e símbolos greco-romanos, atravessados pelos ideais franceses, plasmariam visões de mundo nas maneiras de sentir a vida, dariam legitimidade a construção do panteão cívico da nação e os modelos de ação para os membros da comunidade. Haveria, portanto, uma luta no campo das ideias pelo estabelecimento do mito de origem da República brasileira. A partir dessas considerações é possível argumentar que Carvalho, ao tratar da presença greco-romana nesse período, o faz a partir do modelo francês, aparecendo como parte do imaginário político de parte das elites brasileiras. Ou seja, é parte do processo, mas não é o ponto central da análise de Carvalho. Se por um lado menciona essa ocorrência, por outro a restringe ao imaginário político e não avança para o cotidiano as apropriações culturais dos clássicos. Assim, mesmo que haja uma série de correlações possíveis dos clássicos com utopias republicanas, explorá-las no cotidiano não era seu objetivo e, por isso, para seguir essa trilha é importante discutir os processos de circulação de saberes e ideias, afinal, como afirmou o já mencionado Molino Garcia, o contexto sul-americano é bastante diversificado e a presença dos gregos e romanos varia bastante,

dependendo do contexto histórico e político.

Para avançar nesse ponto, acredito que seja interessante retomar as reflexões de Helenice Rodrigues e Heliane Kohler (2008).⁵ As estudiosas defendem que *mobilidade*, ideia valorizada desde o Iluminismo, é um conceito importante para entender situações diversas na Modernidade. Na perspectiva que apontam, estudar as expressões de movimento dos intelectuais viajantes é fundamental para perceber as relações entre as pessoas, a sociedade e o espaço, afinal as experiências pluriculturais urbanas podem ser a base para uma reflexão acerca das produções culturais, das transformações de modelos estéticos e políticos, bem como a circulação dos saberes. Nessa proposta, entender as condições de produção das artes e dos saberes significa perceber o fenômeno das relações humanas, ou seja, imbricações de modelos teóricos e culturais, precisam ser entendidos como parte constitutiva da própria história das Américas. Seguindo essa abordagem, poetas, escritores e intelectuais em geral precisam ser analisados e compreendidos em um sistema de redes e conexões, de interações que geram apropriações e transformações nas ideias, constituindo novas formas de pensar e existir no cotidiano brasileiro.

Essa constatação das autoras, como comentarei no próximo capítulo, foi importante para começar a transitar no universo curitibano na primeira metade do século XX. Por meio dela percebi que poderia expandir a proposta já mencionada de Carvalho (2014), ou seja, que

⁵ Em 2012, Helenice Rodrigues organizou uma Jornada de Estudos na UFPR intitulada 'Circulação de ideias e reconfigurações de saberes'. Nessa ocasião, como tinha tido um contato inicial com a documentação sobre a coroação de Emiliano Pernetta, apresentei uma primeira abordagem teórica para a questão, recentemente publicada em um livro póstumo em sua homenagem (Garraffoni, 2014). Retomo aqui alguns aspectos dessa discussão, apresentando-os de maneira mais ampliada e aprofundada.

seria possível aproximar da política local sem me restringir a ela, mas problematizando questões cotidianas e culturais, isto é, os processos de circulação de intelectuais e saberes, conexões ou interações, iluminando outros aspectos da construção de histórias locais e nacionais, como a presença dos antigos gregos e romanos na constituição da arte, literatura e arquitetura urbana em uma capital de província. Trata-se de buscar perceber como as relações com o passado greco-romano vão além dos territórios europeus e constituem parte das relações culturais de lugares em que esses povos antigos nunca estiveram historicamente, ou seja, como a apropriação desse passado permite refletir sobre arte, escrita, identidade, conflitos, história oficial, mitos de origens, deslocamentos de saberes e constituição de discursos de poder. Defendo, então, que é preciso construir análises dos mecanismos de circulação de ideias, pois essas análises críticas permitem apostar na capacidade criativa dessas pessoas e não na mera aceitação de modelos estrangeiros de formas de agir e pensar.

Esse tipo de estudo é, seguramente, desafiador, pois implica em refletir sobre deslocamentos geográficos e temporais (passado-presente) e seus efeitos na constituição dos projetos artísticos e políticos brasileiros. Sempre que penso sobre essas questões me recordo de Jenkins (2005: 30) e sua afirmação de que uma das maiores contribuições teóricas de Lowenthal (1985) foi sua discussão de por que o passado importa tanto na Modernidade, em especial na virada do século XIX para o XX. Partindo do pressuposto de que a maior parte das informações sobre o passado não chegaram até o presente e as que sobreviveram ao tempo são fragmentadas e fugazes, Lowenthal discute que é a partir do presente que se reconstrói e molda o que sobrou de uma era a partir das visões de mundo dos sujeitos envolvidos no processo, desnudando as implicações políticas quando se escolhe as memórias a serem preservadas (Lowenthal 1985: XVIII). Ao explorar os usos do passado no presente, Lowenthal abre muitos campos de reflexão: a construção de passados imaginados, a linearidade com a qual a tradição acadêmica ocidental se desenvolveu, reafirmando continuidades e buscando origens, o gosto pelas ruínas e as diferentes formas de entendê-las, enfim, estimula a pensar sobre a diversidade de meios que a sociedade

ocidental criou para se relacionar com o passado individual e coletivo, dentro e fora das academias, e as formas diversas de acessá-lo. A proposta de Lowenthal acaba, portanto, por transformar a percepção de passado, não é mais algo essencial e distante, mas pode ser sentido, manipulado, domesticado, politizado e, até mesmo, transformado em mercadoria.

Considerando a proposta de Lowenthal em que o passado é onipresente na Modernidade, até esse ponto temos traçado, então, o seguinte quadro: Carvalho discute rapidamente a presença dos antigos gregos e romanos na formação dos mitos de origem da República brasileira, restringindo-se ao campo político e ao modelo francês. Rodrigues & Kholer, assim como Lowenthal, embora não tratem dos antigos gregos e romanos, permitem abrir a questão, avançando no sentido cultural e na percepção que o fenômeno é histórico e tem particularidades locais, que caberia a quem se interessa por essas questões estar atento aos processos criativos que envolvem sua construção. Falta, então, pensarmos como problematizar um ponto específico: por que os antigos? E mais especificamente, por que gregos e romanos são tão evocados nesse contexto?⁶

Dentro do campo dos Estudos Clássicos, tanto estudiosos da literatura como historiadores ou arqueólogos desenvolveram diferentes formas de abordagem do tema. Os estudiosos da literatura têm uma trajetória mais consolidada a partir da perspectiva dos estudos de recepção: tais estudos, de forma mais tradicional, exploram a permanente reapropriação literária de temas do passado, como parte da compreensão da intertextualidade (Funari, Garraffoni e Silva, 2017). Se durante muito tempo os textos dos antigos gregos e romanos foram entendidos como

⁶ Ressalto que o foco dessa reflexão consiste em gregos e romanos dado ao recorte proposto, o de estudar a presença desses povos na Curitiba da virada do século XIX, a partir do acervo do Museu Paranaense, mas muitos outros povos que compõem a chamada *História Antiga* aparecem no imaginário brasileiro desse momento. Para uma discussão recente desse tema cf. Silva *et al* 2017.

modelos a serem seguidos, hoje os estudos de recepção estão bem mais abertos, consideram os processos criativos, sua relação com o presente de quem produz e, em alguns casos, a performance corporal, em especial quando se trata de música, teatro ou cinema (Coelho, 2013; Flores, Gonçalves e Dabul, 2017).

Já entre os historiadores a questão é uma preocupação mais recente, talvez um dos marcos seja o livro de Momigliano (2004), resultado de uma série de aulas que ministrou na década de 1960 sobre as origens clássicas da historiografia moderna. Entre os trabalhos mais recentes, os usos políticos aparecem com mais frequência, em especial devido à quantidade de referências aos gregos e romanos nos discursos forjados durante o imperialismo britânico na segunda metade do século XIX, nos regimes totalitários do século XX – nazismo e fascismo, bem como no franquismo – ,para citar alguns exemplos.⁷ Alguns desses trabalhos optam pelo termo ‘usos do passado’, cunhado em publicações de arqueólogos como de Fowler (1987) e Kristiansen (1993). Isso significa, grosso modo, que tais estudos focam nas relações de poder e os tipos de subjetividades que se formam a partir e sobre o passado greco-romano. De certa maneira, tais trabalhos dialogam, mesmo que indiretamente, com propostas dos anos 1980, em especial as publicações de Martin Bernal (1987). Embora esse autor não empregue diretamente a expressão ‘usos do passado’, propõe uma análise impactante sobre a relação entre história antiga e política contemporânea. Seu trabalho, inovador e polêmico, explora as relações intrincadas entre estudos clássicos, em especial sobre o mundo grego, e identidade nacional a partir do século XIX, e como delas se constituem parte de discursos de poder que visavam demarcar políticas territoriais ou ideais racistas, problematizando de forma contundente, portanto, os mitos

⁷ Nas últimas duas décadas, inspirada pela discussão pós-colonial, a produção historiográfica sobre a presença dos gregos e romanos na modernidade tem aumentado. Para alguns exemplos, cf. Dupla, 1999; Hartog, 2003; Hering, 2006; Hingley, 1996; 2000; 2001; 2002; 2005; 2010; Rufino, 2013; Silva, 2007; Silva e Martins, 2008; Silva *et al*, 2017; Stone, 1999.

de origem das sociedades europeias ocidentais.

No contexto brasileiro, Silva (2007) é um interlocutor importante do trabalho de Bernal. Partindo de sua proposta, na qual é preciso questionar o suposto afastamento dos estudos clássicos da política moderna, Silva defende a urgência de estudar a produção de conhecimento sobre a Antiguidade Clássica e sua relação com afirmações de continuidades, heranças, identidades e relações de poder.⁸ Ou seja, para Silva é fundamental repensar a circulação de saberes e de discursos sobre gregos e romanos, construindo um esforço epistemológico e político, pois isso implica em redefinir o que entendemos por História e Memória e, também, ter claro qual história da Antiguidade se quer escrever. Nesse sentido, o que Silva chama atenção é um dos desdobramentos das críticas pós-estruturalistas: ressalta que as mudanças epistemológicas do presente são fundamentais para pensarmos novos campos de pesquisa no passado e, no caso, não exclui a antiguidade e seus usos.

Embora Silva discuta o campo acadêmico já estabelecido no século XX e suas implicações conceituais, essa discussão interessa na medida em que considera os estudos clássicos enquanto discursos sobre o mundo greco-romano. Tal definição permite o estudo da circulação dos saberes e os diálogos possíveis com a arte e literatura, nesse sentido, permite que o estabelecimento de uma perspectiva teórico-metodológica para uma aproximação do contexto curitibano: a desconstrução dos discursos – acadêmicos, literários e artísticos, já que os intelectuais mencionados tinham acesso a muitas publicações, não só por viagens, mas por manterem bibliotecas particulares e editarem revistas – torna-se uma ferramenta fundamental para pensarmos sobre as relações passado/presente e, também, quais passados importam ou importaram.

⁸ Para uma discussão atualizada sobre o significado do termo 'clássico' ao longo da História, cf. Settis, 2006.

Diante desses debates, qual seria, então, a proposta para se aproximar desses gregos e romanos no contexto curitibano? Considerando as discussões sobre recepção no campo da Literatura e usos do passado no campo da História e mesmo na Arqueologia, acredito que um diálogo entre as perspectivas seja bastante produtivo. Essa proposta se desenha a partir das particularidades do próprio objeto de estudo: Emiliano Pernetta e Dario Vellozo produziram poesia, participaram de embates políticos, e, no caso de Vellozo, foi professor de história no Ginásio do Estado. Por terem atuações múltiplas e produzido uma vasta gama de escritos, para percebemos como articulam os valores greco-romanos em seu cotidiano é importante estarmos atentos para as continuidades e contradições que emergem em seus discursos, de acordo com o público a que se referem. Ou seja, é preciso estar atento à intertextualidade de seus poemas e à materialização de seus discursos.

Essa opção de diálogo se faz necessária, pois como trago para a discussão parte do acervo do Museu Paranaense, essa perspectiva possibilita construir um trânsito entre a literatura e política pelos textos e documentos arquivados, bem como pela materialidade do acervo tridimensional. O desafio está em estabelecer relações entre história de Curitiba, circulação de saberes sobre a história grega e romana, embates da política local, os impactos da Proclamação da República e Abolição, o Simbolismo Paranaense e o decadentismo francês, enfim, as leituras do passado clássico de Emiliano Pernetta e Dario Vellozo e suas propostas estéticas e políticas e a circulação de suas ideias nas instituições paranaense que se formavam. Ao chamar atenção para esse recorte e selecionar documentação disponível no Museu ainda não estudada, entramos em um contexto singular e ainda pouco conhecido da historiografia. Esse caminho seguramente nos levará a novos encontros e relações possíveis. Afinal, se Miss Barney tinha um templo grego no jardim de sua casa em Paris, Vellozo construiu um para discussões neopitagóricas e Emiliano Pernetta foi coroado Príncipe dos Poetas por musas gregas em pleno Passeio Público!

CAPÍTULO 2

Gregos e romanos na Curitiba da virada do século XIX

Da *Joaquim* ao Simbolismo: um percurso e várias questões

Conforme comentei no início, li sobre a coroação de Emiliano Pernetta pela primeira vez quando realizava, com os estudantes, a pesquisa sobre a revista *Joaquim*. Talvez valesse à pena, então, voltarmos a *Joaquim* para iniciarmos uma reflexão sobre os escritores e os antigos gregos em Curitiba, pois acredito que é um caminho profícuo para discutir a circulação de ideias e os embates político-culturais. Se nos restringimos à Literatura, é possível notar que essa circulação se inicia no final do século XIX e cruza o XX, afinal, não podemos esquecer que Leminski, nos anos 1980, dedicou-se aos romanos, traduzindo Ovídio, Horácio e o *Satyricon* de Petrônio direto do latim e, durante muito tempo, foi a única tradução de Petrônio para o português que circulava no Brasil direto do original.⁹

O caso de Leminski é bastante particular e merece um trabalho à parte, pois entendo que tem uma percepção bastante diversa de Trevisan. Acredito que enquanto Trevisan se afasta dos simbolistas e seu Helenismo nos anos de 1940 por julgar com aspectos conservadores, e que contribui

⁹ Para uma discussão sobre a relação de Leminski com o latim, suas traduções e apropriações poética dos textos de Ovídio e Horácio, cf. Flores, 2010.

para Curitiba se tornar uma ‘ilha’ cultural, Leminski, nos anos 1980, em um momento de ecos da contracultura e sopros de esperanças do final da ditadura civil-militar, buscou, com seu trabalho, uma aproximação com os antigos romanos pelo viés das camadas populares. Leminski parece questionar a torre de marfim a qual os clássicos foram trancados, ao retirá-los desse lugar recria passagens que os aproximam da juventude daquele período, ávida por novos tempos. Movimento semelhante fora feito por Frederico Fellini, na década de 1960, quando colocou *Satyricon* nas telas (Garraffoni, 2015). Ou seja, de alguma maneira, se Trevisan vai se afastando dos antigos, Leminski (2012: 219) retoma em algumas obras latinas, pois de acordo com suas próprias palavras:

O que nos aproxima de Petrónio, e nos une, é a presença forte da condição humana, uma humanidade feita de grandeza e baixezas, de esplendores e misérias, coisa aliás que o romance vem fazendo desde que o *Satyricon* nasceu, e deu o primeiro exemplo.

Se retomarmos o texto de Hemingway sobre o templo de Miss Barney, não é difícil perceber que a questão da aproximação ou afastamento dos clássicos parece ser uma tensão presente ao longo do século XX em diferentes contextos, inclusive no curitibano, e ocorre dependendo da posição política e do tipo de leitura que o escritor está fazendo do texto clássico. Se Leminski está traduzindo os romanos em um contexto de abertura política e novos estudos acadêmicos sobre história social do cotidiano na Antiguidade, Trevisan, na *Joaquim* dos anos 1940, fala a partir de um contexto do pós-guerra, no qual muitos classistas foram colaboradores dos regimes totalitários europeus. Nesse sentido, suas posturas diante dos clássicos, assim como de Hemingway, Pernetta ou Vellozo, respondem a momentos históricos específicos e também a circulações de saberes acadêmicos. É por isso que as considerações já mencionadas de Rodrigues e Kholer (2008) são importantes para a leitura

que proponho, pois permitem perceber que saberes acadêmicos e arte, provenientes de diferentes lugares, dialogam com frequência.

Observar essas confluências na *Joaquim* é um meio profícuo para uma reflexão sobre o contexto dos anos 1940 curitibano e do movimento de intelectuais anteriores a esse período, ponto já destacado por Bega (2013: 183-184). A estudiosa afirma que Emiliano Pernetta reinou como o grande poeta paranaense entre 1910 e 1940, mesmo tendo falecido em 1921. Recebeu reiteradas homenagens, mas depois da morte de Dario Vellozo em 1937, os seguidores vão se escasseando. Dalton Trevisan, então uma liderança jovem com muito potencial de escrita, ‘(...) retira o cetro e a coroa do príncipe’ (Bega, 2013: 183). Na *Joaquim*, segundo Bega, Trevisan desponta como crítico dos ícones paranaense, mesmo que tenha alguma admiração pela boemia de Pernetta, acredita que sua simpatia não permitiu que sua obra fosse conhecida fora dos limites da Rua XV de Novembro. Críticas como essa aparecem reiteradas vezes, e Bega (2013: 272) entende, via Bourdieu, que no interior do campo cultural a vanguarda oxigena os debates. As discussões e críticas de Trevisan a seus antecessores na poesia deram visibilidade a ele e aos jovens escritores que publicavam na revista, sendo um meio eficaz para divulgação de novas ideias e conceitos.

Joaquim foi, portanto, uma revista diversa, com textos, traduções, produções próprias. Polêmicas constituíram parte dos artigos, expressão da pulsão dos jovens escritores. Sanches Neto (1998) já chamou atenção para o fato de que Trevisan, Poty Lazzarotto e seus amigos se encontravam em uma posição ímpar: conscientes das calamidades provocadas pela II Guerra, esses jovens – ou *moços*, conforme o original – não queriam mais se restringir aos interesses da província, precisam se posicionar diante do mundo, ir além do local, circular em contexto brasileiro e internacional. Embora não tivessem um projeto político pré-determinado, Sanches Neto defende que eles se construíram como jovens ecléticos e buscaram colocar

o Paraná em novo lugar, fora do que definiam como conservadorismo local. Assim, críticas aos antecessores fazem parte da construção desse jogo de ideias e buscas por novas identidades. Nesse embate, Sanches Neto argumenta que os jovens da *Joaquim* não atacam a Literatura propriamente dita de seus precedentes, como por exemplo a forma ou a estética dos poemas de Emiliano Pernetta, mas sim o que essa literatura significou na construção do Paranismo e da identidade local, ou seja, seu posicionamento político mais tardio. Os jovens estariam questionando o lugar de ‘ilha’ na qual o Paraná se encontraria nos anos de 1940 e, andando pelas margens, buscariam novas formas de conexões e identidades mais internacionalizadas.

Nessa busca pelo novo, na construção de uma outra visibilidade a Curitiba e ao Paraná, Trevisan se refere muito à cidade em que habita, narra seus meandros, seus submundos. Escapa aos versos mais bucólicos dos simbolistas e foca na vida urbana menos conhecida, as facetas de Curitiba que, em sua proposta estética-literária, seriam mais interessante e pulsante. Nessas explorações marginais de Curitiba, Trevisan escreve um conto chamado ‘Minha cidade’, publicando, pela primeira vez, segundo Nicolatto, na *Joaquim* n.º 6 de 1945. Esse conto, posteriormente publicado com algumas alterações em diversas ocasiões como ‘Em busca de Curitiba Perdida’, é um bom exemplo dessas tensões que venho chamando a atenção: Trevisan inicia o texto afirmando, taxativamente, que ‘sua’ Curitiba não tem pinheiros e descreve com muita ironia quais aspectos da cultura e sociedade curitibana que celebra e quais se afasta. Dois trechos seriam importantes para que possa chegar ao ponto central dessa reflexão sobre o lugar dos clássicos em sua escrita. São eles:

Não a do Museu Paranaense com o esqueleto do *Pithecanthropus erectus*, mas do Templo das Musas, com versos dourados de Pitágoras, desde o Sócrates II até os Sócrates III, IV e V; (...)

Não viajo todas as Curitiba, a de Emiliano, onde o pinheiro é uma taça de luz; de Alberto de Oliveira do céu azulíssimo; a de Romário Martins em que o índio caraíba puro bate matraca, barquillas duas por um tostão; essa Curitiba merdosa não é a que eu viajo. Eu sou da outra, do relógio na Praça Osório que marca implacável seis horas em ponto; dos sinos das igrejas dos Polacos (...) (Trevisan, 2012: 8-9)

Embora partes da narrativa do conto tenha sido revisitada e alterada, essas informações que destaquei já estão presentes lá na primeira edição de 1945. Assim, mesmo que atualize ou reescreva o conto, é importante destacar que tanto na primeira versão como nas mais recentes percebe-se que Trevisan mantém o espírito crítico agudo entre o que é aceito e a margem, nesse trecho representado pela oposição entre aquilo que entende como parte de institucionalização de saberes – Museu, poetas consagrados na literatura paranaense, historiadores – e a fruição da vida – praças. Ou seja, há uma clara oposição entre o que é institucionalizado e celebrado pelas elites locais e aquilo que Trevisan acredita em que está o devir, como os bares, as praças, o povo. Trevisan se situa fora do eixo para celebrar a vida intensa curitibana, pouco conhecida e a qual admira.

Esses aspectos são sistematizados no conto de Trevisan, mas aparecem espalhados nos números da *Joaquim* por meio de contribuições de artistas plásticos, de escritores de diferentes contextos ou de traduções que eram publicadas de textos filosóficos e literários. Sanches Neto, já mencionado, mais de uma vez afirma que a revista visava a socialização dos jovens, a valorização dos homens, do cotidiano, extrapolando os limites do estado do Paraná; indicava um desejo dos editores de retratar os homens comuns de forma mais ampla possível e, por fim, investia na crítica à ênfase da elite local precedente em se aproximar dos clássicos para se construir enquanto legítima.

Sanches Neto, assim como o já citado trabalho de Carvalho, menciona a presença dos gregos e romanos nos debates em várias ocasiões, mas não avança na discussão. Para avançar nesse sentido, é possível deslocar um pouco a análise do conto em questão a partir das passagens selecionadas. Se, por um lado, o trecho do conto de Trevisan permite pensar a oposição entre elite e povo, destacando a marginalidade e a fruição da vida, como afirma Sanches Neto, por outro, é possível pensar nas percepções de tempo e os significados simbólicos: há aquele tempo mais lento, representado pelo Museu Paranaense, aqui entendido como lugar de ciência, e o do Templo das Musas, fundado na década de 1910 por Dario Vellozo, onde se encontraria a tradição clássica; o tempo rápido e interessante, o do devir, do relógio da praça e dos sinos da igreja.

A tensão temporal é interessante na medida em que dá o tom de qual passado o interessa, qual passado chama de ‘seu’ e qual refuta. Naquele mais antigo e lento, prefere as musas gregas de Vellozo à ciência do Museu Paranaense, assim como rechaça Emiliano Pernetta, Alberto de Oliveira e a Romário Martins por focarem seus escritos nas belezas naturais, consideradas por eles a grande riqueza do estado do Paraná. O que me intriga nesse conto é o fato de Trevisan ser muito preciso em suas descrições da cidade e apresentar ali uma clara tensão entre antigos e modernos, além de marcar em quais espaços transita, pois parece poupar Vellozo e não mede esforços em criticar Pernetta, considerado um arauto do Paranismo que tanto deseja desconstruir. Essa perspicácia, envolta de certo sarcasmo, me impactou no início de minhas descobertas sobre a presença dos clássicos na cultura e política curitibana, afinal, esse conto, escrito pela primeira vez em 1945, apontava para as ambivalências do lugar dos gregos na construção da identidade paranaense, ora como símbolo elitista de pertencimento local, como no caso da sagração de Emiliano Pernetta, ora como possibilidade de uma filosofia mais humanista, quando vinculado ao Templo das Musas. Entender um pouco mais dessa situação exposta com ironia por Dalton Trevisan foi o que me impulsionou a revisitar a virada

do século XIX para o XX de Curitiba, a conhecer um pouco mais sobre o Simbolismo paranaense e a levantar documentação nos acervos do Museu Paranaense. Esse caminho me levou ao encontro de um ambiente literário múltiplo e a conhecer várias facetas de apropriação dos clássicos. Por ter ficado tão intrigada com a contraposição entre Vellozo e Pernetta, optei por focar a pesquisa de acervo relacionados aos dois. Antes de apresentar o catálogo e propor algumas reflexões sobre o acervo, acredito que seja importante chamar atenção para algumas particularidades da história de Curitiba, dos processos políticos e culturais da virada do século XIX para o XX, para explorar algumas das razões possíveis da presença dos gregos e romanos no Paraná que se formava.

A Curitiba por onde andavam Emiliano Pernetta e Dario Vellozo

O discurso da ‘modernidade’, tão presente no campo político cultural de Curitiba nos anos de 1940, não é uma característica única deste período, como já observaram Brepohl e Paz (2006). De fato, essa noção aparece em diferentes momentos, o que leva os autores, ao estudar a segunda metade do século XX paranaense, a empregar o termo *reinvenção*. Assim, ao tratar de um período específico, final do século XIX e primeiras duas décadas do século XX, é importante discutir os lugares e os embates de ideias sobre a ‘modernidade’ em Curitiba e compreender, na sua *invenção*, o lugar dos antigos gregos e romanos.

Para tanto, é importante termos em mente que o período a que nos referimos trata do estabelecimento de Curitiba como capital da recém-criada província do Paraná. Há muitos estudos detalhados sobre o período, não é minha intenção aqui discorrer sobre eles, mas destacar que se inserem em debates sobre História regional, em contextos de análise

das elites locais – urbanas e rurais – e seus embates políticos culturais, ou seja, com foco nos ideais positivistas ou anticlericais, nos governos, no desenvolvimento urbano e no cultivo do mate (para trabalhos mais recentes, cf, por exemplo, Bega, 2013; Beltrami, 2002; Berberi, 1998; Pereira, 1996; Pereira, 1998). Muitos desses trabalhos passam, portanto, pela questão de como criar pertencimento à terra e às novas identidades, em um momento marcado por fluxos de imigrantes e conflitos de fronteiras.

Isso significa que os estudos ora focam na criação da História do Paraná, a memória dos seus líderes políticos ou as tradições inventadas, ora na arte, poética, sociabilidade e o humanismo e universalismo que os intelectuais se pautaram para a constituição novas de subjetividades. Tais estudos nos apresentam um ambiente cultural permeado por sujeitos multifacetados que circulavam em diferentes ambientes, que costuraram passado e presente na busca por um novo lugar. Embora esse fenômeno não seja exclusivo do Paraná e Curitiba nesse período, singularidades saltam aos olhos. Nesse sentido, como a obra de Bega (2013) discute os trânsitos entre política e literatura, ambientes caros a Emiliano Pernetta e Dario Vellozo, retomo aqui alguns pontos de seus argumentos, pois acredito que são importantes para essa reflexão.

A autora destaca que, do ponto de vista do cenário econômico, o ciclo da erva-mate vivia seu apogeu com desdobramentos urbanos bastante particulares. Bega afirma que, embora a elite política estivesse vinculada a uma produção eminentemente agrária, o controle do produto final dependeria da cidade, em especial no que diz respeito à indústria nascente para a confecção dos recipientes para armazenamento e transporte da erva, e à gráfica, para a impressão dos rótulos das embalagens para venda do mate. Nesse sentido, no final do século XIX, a cidade de Curitiba, mesmo que tivesse poucos habitantes, passa a ter uma expansão nas atividades na indústria da madeira, na metalurgia e litografia (Bega, 2013: 55). Essa particularidade foi fundamental para alavancar a produção cultural da

cidade, já que muitas gráficas são concebidas para a produção do mate, mas posteriormente passam a produzir jornais e revistas literárias.

Assim, já no final do século XIX nota-se um desenvolvimento urbano e o início do processo de industrialização que recebeu uma população migrante de centros europeus acostumada ao trabalho fabril. Nessa ocasião, Bega (2013: 57) afirma que Curitiba contava com cerca de quarenta mil habitantes e parte da população composta por alemães e franceses, com experiência de trabalho em fábricas e sindicatos, aptos a produzirem seus próprios jornais. Além disso, a cidade, alçada a capital de província, passa por um forte processo de alterações urbanas, com projetos de construções de edifícios públicos, igrejas, a biblioteca pública e, em 1885, funda-se o Museu Paranaense.

Em síntese, os argumentos de Bega (2013: 62) indicam as particularidades da região: embora com atividade rural, diferentemente de áreas em que o café era o principal produto agrícola, a erva-mate proporcionou uma pequena divisão do trabalho, concentrando as atividades de comércio e exportação na cidade de Curitiba. Da combinação de fatores econômicos e populacionais – fluxo de imigração que aumentou a população local – formou-se um contexto no qual Curitiba, mesmo sendo periférica em um plano nacional, se diferenciou em outros centros urbanos de mesmo tamanho, sendo um campo fértil para atividades culturais, em especial os embates intelectuais que envolveram clericistas, anticlericistas e o movimento literário simbolista. Seria nesses entrecruzamentos de discursos políticos e com uma nova geração de letras que os embates pela construção da identidade da cidade e do estado se iniciariam e se estenderiam no início do século XX.

Trata-se de um contexto com um conjunto de ideias múltiplas, mas que via de regra tratam de elementos como progresso, ciência, trabalho, daí a ênfase na criação de bibliotecas, museu, arquivos, do Instituto Histórico

e Geográfico do Paraná e também os primeiros projetos da Universidade do Paraná. Um campo aberto a disputas entre os diferentes idiomas dos imigrantes com a elite luso-brasileira local, de efervescência política e intelectual. Assim, além do estabelecimento de instituições de ensino e pesquisa, espaços de sociabilidade se tornaram importantes na construção do almejado cosmopolitismo urbano. Beltrami (2009: 10) destaca a importância de espaços outros como salões, cafés, clubes, sociedades, o Teatro Guaíra, o Passeio Público, a própria rua XV de Novembro como lugares de reuniões, debates e discussões de ideias que, depois, tomariam forma em textos de jornais e revistas. Sobre o perfil desses homens, entre os quais encontram-se Emiliano Pernetta e Dario Vellozo, Beltrami (2009: 12) aponta que:

Diziam-se livre-pensadores e engajaram-se nas causas abolicionistas, republicanas, em defesa dos indígenas. Também eram homens de sensibilidade, gostavam de poesia, estudavam ciências ocultas e formavam irmandades e confrarias espiritualistas.

Essa descrição de Beltrami traz elementos significativos para pensarmos o final de século em Curitiba, pois entrecruza espiritualismo e ciência moderna, elemento marcante na vida de Vellozo e presente em menor grau nos escritos de Pernetta, mas nem por isso menos importante. A literatura, os modos de vida dândi, abrem um canal de comunicação entre o material e o espiritual, o ocultismo europeu é resignificado nesse meio e temas como mitos antigos, lendas, alma e arcanos se misturam com a reflexão do novo lugar em se encontram. Assim como Silvestrini (2003), Beltrami ressalta que se trata de um contexto de experimentações, ou seja, maçonaria, espiritismo, decadentismo, neopitagorismo, teosofia e ocultismo são movimentos não previamente articulados, mas davam substratos diferentes para entender a relação entre a humanidade e o divino. São, portanto, filosofias e experiências heterogêneas que fomentaram os

discursos partilhados pelos letrados. No caso curitibano, Beltrami destaca que o decadentismo e o ocultismo são facetas importantes do Simbolismo que se constrói, tanto na arte, na estética, como nas práticas sociais. A tríade que se forma – *Scientia, Arte e Mystério* –, afirma Beltrami, é o que nutre parte das percepções que se constroem no Paraná sobre ciência e promovem seu diálogo com o esoterismo. O caso de Vellozo que estuda em detalhes é significativo nisso, permite discussões sobre cultura, esoterismo, ciência, política e as relações entre modernidade e antiguidade.

Assim, para discutir essas ideias e como Pernetta e Vellozo constroem suas idas ao passado greco-romano, é preciso conhecer os meandros do Simbolismo paranaense, tema que passo a comentar, mesmo que brevemente, a seguir.

Simbolismo, anticlericalismo e helenismo: os antigos gregos no cotidiano curitibano

Como destacamos anteriormente, Willian Marx (2014) identifica formas de relações distintas com o Simbolismo da Paris do final do século XIX. A isso podemos acrescentar o Romantismo, a volta a natureza, neoluminismo, positivismo, realismo, historicismo, espiritismo, entre tantas outras filosofias e expressões de espiritualidade que indicam um movimento intenso de busca pelos significados diversos da vida humana. Beltrami (2009) argumenta que tais movimentos surgem como respostas aos avanços da ciência empírica e às novas maneiras de se entender a vida, configurando ondas de saberes que se estendem pelas cidades europeias. Em suas análises, fica claro que é o ambiente urbano e suas novas formas de convívio que permitem a vazão a esses sentimentos e pensamentos. A relação com a cidade muda radicalmente, os poemas de Baudelaire sobre a multidão e a solidão são expoentes dessa nova condição histórica permeada pelas tensões espirituais e materiais.

Homens letrados de Curitiba sabiam disso e dominavam tais discussões. Embora nosso foco seja em Emiliano Pernetta e Dario Vellozo pelas razões já levantadas, havia vários outros intelectuais que viveram em Curitiba, viajaram pelo Brasil e exterior, circularam em ambientes políticos, acadêmicos e culturais do Rio de Janeiro e debateram sobre estes temas. Em suas buscas por respostas e a constituição da identidade nacional para a República que se fundava, evolucionismo, positivismo e espiritismo eram pautas em debates anticlericais, sobre a situação indígena e rumos do progresso da nação.

Como esses homens circulavam, a inserção de escritores locais em atividades políticas e culturais nacionais constituiu a base da cena dos debates sobre estética, poesia e identidade. Bega (2013) argumenta que é fundamental pensar nos fatores que permitem essas fusões, como amálgamas de diferentes tradições de pensamento transformam-se e, na sua multiplicidade, abrem novas possibilidades e projetos estéticos/políticos. Chama atenção também para o fato de que, se no cenário nacional o Parnasianismo com sua objetividade despontava, o Movimento Simbolista, com sua subjetividade, fomenta o pensamento social, político e literário no âmbito paranaense. Independente das suas facetas ou tendências, a fluidez de ritmo, as aliterações, as sinestesias e seu caráter profanatório são os elementos que esses jovens livre-pensadores buscam para pautar suas ideias anticlericais e abolicionistas. Tratam-se de homens majoritariamente da elite que construíram alianças políticas e estéticas complexas, estabeleceram modos de vida; jovens jornalistas e escritores que enviesavam o mundo profissional, político e filosófico em suas revistas e jornais.

Bega (2013: 162) também aponta que o Simbolismo paranaense, ao se construir como anticlerical, acaba se transvestindo de helenista e ocultista, isso traz muitas tonalidades às críticas que são estabelecidas à Igreja Católica na região. Assim, percebe-se que esses jovens lutam pela demarcação do seu lugar no campo literário brasileiro e, também, no

político, construindo uma identidade do Paraná que vai além dos preceitos cristãos e a conexão com os antigos gregos ajuda a estruturar esse novo lugar de que falam. Seria, portanto, nesse contexto, possível entender as festas da Primavera, inauguradas em 1911 com a coroação de Emiliano Pernetta como Príncipe dos Poetas em um templo grego, construído no Passeio Público. A coroação pode ser entendida como um símbolo dessa articulação entre local e o universal.

Embora a Coroação não seja o objeto central de análise de Bega, a estudiosa apresenta alguns pontos importantes para entender o fato. A Coroação é um evento específico, mas as festas da Primavera ocorreram com mais frequência entre os anos 10 e 20 do século XX (Bega 2013: 483). Tais festas tinham a participação de Dario Vellozo e seus estudantes do Ginásio Paranaense, combinavam rememorações dos antigos gregos e romanos junto com torneios esportivos, sessões de literatura, declamações de poesias, que poderiam ser na rua XV ou no Passeio Público. Bega (2013: 484) se questiona: *‘delírio de um helenista, como seus detratores católicos mais renitentes dirão mais tarde, ou a busca de uma tradição onde ela não existe?’*

A resposta a essa questão, para Bega, está na vitalidade do fenômeno: por meio das festas, da Coroação e de tantos poemas mesclando aliterações, elementos gregos e paranaenses, o helenismo de Vellozo e Pernetta conciliaram tendências a princípio inconciliáveis, criaram um Movimento Simbolista anticlerical e juntaram um grande número de seguidores. Nesse processo configura-se uma vertente literária particular e, ao mesmo tempo, o ‘ser paranaense’ encontra um lugar na cultura ocidental. Acredito que tais considerações são um caminho profícuo para explorar essa faceta do Simbolismo paranaense, afinal, a presença helênica sai dos poemas e passa a constituir meios de vida, sociabilidades, se materializa em várias áreas da cidade, trazendo universalismo resignificado na cultura local.

Com essa perspectiva em mente, comecei os levantamentos em arquivos da cidade, antes de me deter no acervo do Museu Paranaense. Em uma pesquisa que realizei na Casa da Memória, por exemplo, encontrei um acervo interessante com fotos diversas das Festas da Primavera ou mesmo do Templo das Musas, e a presença das mulheres nesses eventos é marcante. Isso me chamou muito a atenção e me fez perceber que, embora o ponto de partida da análise sejam os rastros deixados Pernetta e Vellozo, a presença das mulheres nesses círculos helenistas e os silêncios sobre isso precisam de mais estudos. O acervo do Museu Paranaense, por outro lado, contém artefatos tridimensionais que abrem outras possibilidades. Além das fotos que estão sob guarda do Museu Paranaense, seu acervo tridimensional, sua biblioteca e a documentação trazem muitos elementos para entender melhor o significado da Coroação de Pernetta ou mesmo a construção do Templo das Musas, bem como os espaços que essas pessoas circulavam no momento. Talvez os elementos reunidos no catálogo permitam outras leituras sobre a invenção dessa tradição e outros olhares sobre o antigo sonho de Vellozo que, segundo Beltrami (2009: 179) contara certa vez: *‘o Brasil será a Grécia da humanidade futura, possa ser Curitiba sua Atenas’*.

O catálogo que segue é, portanto, uma tentativa sistematizar alguns temas para se conhecer um pouco mais do que ficou desse universo, uma contribuição para novas pesquisas, tanto sobre a história da presença greco-romana no Brasil, como sobre o cotidiano que envolveu muitos dos escritores simbolistas paranaense. Se considerarmos que esse período foi marcado por múltiplas sensações e sentidos, esse material pode trazer novos *insights* sobre os sentimentos na política, idealização do passado, sociabilidades, conflitos, identidade local e ocidental, moral, enfim, sobre Literatura, estética e circulação de saberes. Pode também alicerçar leituras críticas dessas visões e identidades. Independente da perspectiva, acredito que sejam documentos importantes para pensar a semântica política do contexto, bem como sua linguagem estética e artística.

CAPÍTULO 3

CATÁLOGO

Sobre o catálogo

Ao organizar o catálogo que segue fiz escolhas. Gostaria, então, de explicar como foi o processo de busca pelo acervo, já que o que segue não é uma publicação de tudo o que há no Museu Paranaense, mas uma amostragem de seu potencial para o estudo da presença greco-romana em Curitiba da virada do século XIX e, também, dos meandros do Simbolismo. Busquei fazer um recorte que permitisse perceber a diversidade da produção literária, listando alguns títulos da biblioteca, bem como os espaços de circulação, que podem ser captados pelas fotos. Além disso, trouxe elementos tridimensionais, em especial as medalhas do Instituto Neo-Pitagórico, fundado por Vellozo, que se encontram na coleção de Numismática, e a coroa usada por Emiliano Pernetta.

Como os leitores e leitoras poderão notar, o acervo permite reflexões históricas em suas especificidades e reflexões no campo da construção da memória. No primeiro caso, a documentação separada traz elementos para pensar os processos de construção de identidades, bem como as exclusões inerentes, o ecletismo e as diferentes tradições que Pernetta e Vellozo lançaram mão para construir sua poesia, seus processos criativos, os embates anticlericais e a presença do helenismo. Além disso, traz contribuições para estudos sobre visualidade, a presença das roupas e modos de vestir, os espaços de sociabilidade, as possíveis relações

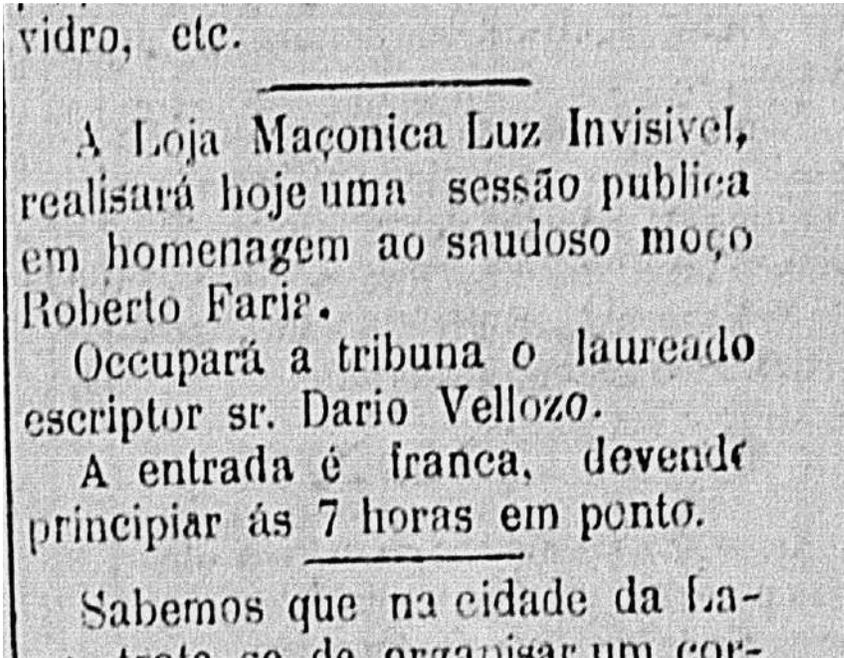
culturais e simbólicas com a cidade. No que tange a questão da memória, o acervo também permite pensar em questões de fundo sobre o passado e presente, sobre o que se preserva em instituições museais e as razões disso, enfim, como se posicionar diante da presentificação do passado e qual passado seria esse.

Essa seleção traz, portanto, uma amostra de ruídos, espaços, objetos, sociabilidades, disputas políticas, estética, transformações poéticas, as relações da cidade com a arte. É um acervo múltiplo, com materiais que podem se entrelaçar e permitir novos olhares a partir da contraposição da materialidade com o texto. Novas abordagens. Novos problemas. Afinal, é importante refletir sobre como se olha o passado, sobre o que se guarda, como se constrói tradições ou imaginários, como se desconstrói. Aproximar desse acervo múltiplo e rico ajuda a conhecer melhor os meandros da presença greco-romana no Paraná, sua circulação, seus usos. Há, portanto, muita pesquisa por se fazer ainda.

1. Notícias de Jornais

Há muitas referências a Emiliano Pernetta e Dario Vellozo nos jornais de Curitiba do final do século XIX até a década de 1930 e, também, notícias de homenagens póstumas. Ao fazer o levantamento para esse catálogo, notei a potencialidade desse tipo de material para os temas debatidos. O que segue é uma parte dessa seleção, pois como comentei, esse catálogo trata-se de uma amostra do material, não sua totalidade. Essa breve seleção está disponível no acervo e busquei com ela trazer exemplos variados de notícias, pois muitas se repetem, como o caso das festas ou palestras proferidas, já que eram requisitados em diferentes lugares. As notícias aqui apresentadas se referem aos locais de circulação

e sociabilidade de Dario Vellozo e Emiliano Pernetta, bem como trazem algumas referências a seus livros e poemas. Permitem, portanto, uma visão mais ampla de suas atividades políticas e literárias e das homenagens que receberam.¹⁰



Jornal: A Notícia (PR), Edição 811, pág. 1

Data: 17/06/1908

Sobre: Sessão pública em uma Loja Maçônica (participação Dario Vellozo)

¹⁰ Agradeço a Karin Barbosa Joaquim pela ajuda na seleção do material apresentado.

mento de Cavallaria.

14 de Julho

A Sociedade «La Gauloise» realisarã amanhã imponentes festejos em homenagem á data de 14 de Julho.

A's 8 horas da noite, o illustre orador sr. Dario Vellozo, occupará a tribuna discorrendo sobre a festa que se commemora.

A directoria pede-nos que avisemos aos interessados que á conferencia e baile só poderão assir-tir os socios e convidados que estiverem munidos do competente convite.

O VINHO CREOSOTADO do

Jornal: A Notícia (PR), Edição 833, pág. 1

Data: 13/07/1908

Sobre: Festejos Sociedade La Gauloise (participação Dario Vellozo)

sa que podemos conceder-me, visto não fazermos rectificações!

CONFERENCIAS PUBLICAS

Com numerosa concurrencia realisaram-se hontem nas Lojas Maçonicas Luz Invisivel e Fraternidade Paranaense, as annunciadas conferencias, em que os dous brilhantes tribunos Dario Vellozo e Niepce da Silva, discorreram proficientemente sobre a causa e motivos que levaram um padre catholico a desprestigar o pavilhão nacional.

Dario Vellozo com aquella eloquencia e arroubo que tanto o caracterisam prendeu a attenção do selecto auditorio por mais de meia hora, sendo constantemente interrompido por estrepitosos applausos

O dr. Niepce da Silva discorreu largamente sobre identico assumpto do primeiro, sendo muitas vezes o seu bello discurso interrompido palmas e applausos dos assistentes.

O dr. Pamphilo d'Assumpção ao apresentar o dr. Niepce ao publico produziu uma eloquente oração que foi muito applaudida.

Jornal: A Notícia (PR), Edição 851, pág. 1

Data: 03/08/1908

Sobre: Conferências em uma Loja Maçonica (participação Dario Vellozo)

Amor Cinzento

A CELESTINO JUNIOR

Em baixo é o dia fusco, é a luz mortuaria; em cima
Rolos de fumo e cebo - ó soturna cloaca!
A Vida extinta sob uma grandeza opaca...
Nem pomos de ouro, nem cantigas de vindima!

Fumo só. Tédio só. Natureza de luto.
Cinza e betume chove. E em torno se derrama
Todo um acre vapor feralmente corrupto
Feito de cêrdos e de batrachios e lama. . .

O corpo é um muito máu pardieiro, bem vêdes!
Que philtra n'alma o enojo... (Oh! embora murmures,
Oh! minha alma! estás presa entre quatro paredes!)

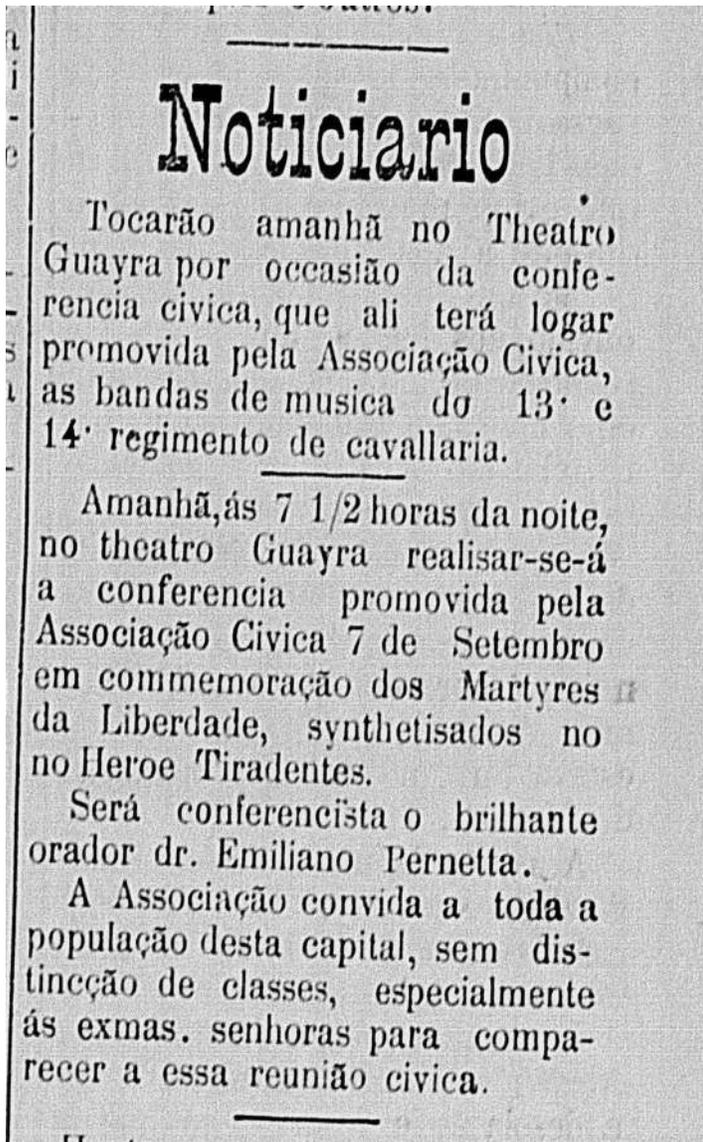
Presa! e delue-se o mundo! e nem um sonho ao menos!
E nem festas! e nem um agasalho algures
Num leito brando, nuns braços brandos de Venus!...

EMILIANO PERNETTA.

Jornal: A Notícia (PR), Edição 742, pág. 2

Data: 27/03/1908

Sobre: Poema de Emiliano Pernetta



Jornal: A Notícia (PR), Edição 762, pág. 1

Data: 20/04/1908

Sobre: Conferência Cívica em homenagem a Tiradentes (participação Emiliano Pernetta)

Esquifes

por

DARIO VELLOZO

É um livro de contos,— maior do que isso : — de bons contos.

Feito mais com o coração do que com a alma, os *Esquifes* são um dos poucos livros da literatura paranaense destinados a ficar, pois que é a manifestação ao mesmo tempo da Tortura, da Saudade e da Dúvida;—da Indiferença, do Desprezo e da Indignação ao mesmo tempo.

Desse livro cada phrase é um verso e um gemido, desses que aos labios vêm, trazidos pela dor nostálgica de alegrias passadas e de sonhos mortos e illusões perdidas.

Dir se-ha foi feito durante um sonho, enfeixado em livro em um instante de nevróse profunda e atirado ao publico em um momento de indiferença.

Esquifes de sonhos, sonhos de uma idade que se foi, envolta na mortalha da Dúvida, caminho do Tempo, o eremiterio de todas as esperanças....

«Reunindo a um brilhante talento qualidades admiraveis de luctador, Dario Vellozo tem conseguido impôr-se sem que a evolução de sua clarividencia espiritual tenha experimentado a mais leve oscillação barométrica.»

Assim definiu Leoncio Correia o autor dos *Esquifes*.

Com os *Primeiros ensaios* Dario Vellozo encetou essa carreira de luctas, transformada hoje, para elle, em caminho de triumphos.

Os *Esquifes* agora firmaram de vez a sua reputação de *conteur* primoroso, que tem estylo seo e grande alma de poeta.

Não ousamos fazer a critica dos *Esquifes*, não; a outrem esse trabalho, para o qual não nos julgamos com as forças e o talento precisos.

Viemos sómente ao seo encontro, para com o nosso caro Dario sentir a corrente electrica daquelle sentimento de artista que se desprende dos *Idyllis*; vêr o encanto daquellas *Miragens* do Sahára immenso do seo coração;—tantalizar com elle a nossa alma no dulçuroso enleio dos *Madrigacs*; buscar, como o Eduardinho da *Dedicação*, a nossa alma de admirador sincero, para que ella viesse reviver aos effluvios de um amor que ella tambem já sentio, e do qual, hoje, só lhe resta no coração resaihos de um gozo intimo.... talvez os perfumes evolados daquella *Magnolia negra*, «symbolo da Saudade perenne, da suprema desolação intangivel...»

Viemos curvar-nos reverentes á passagem dos *Esquifes*, chapéo na mão e joelho em terra.... olhar brilhante, no ante-goço de vel os desapparecer em meio das flores que se lhes lançarem.

ROMARIO MARTINS.

Journal: A República (PR), Edição 99, pág. 1

Data: 29/04/1896

Sobre: Lançamento do livro de contos “Esquifes” de Dario Vellozo

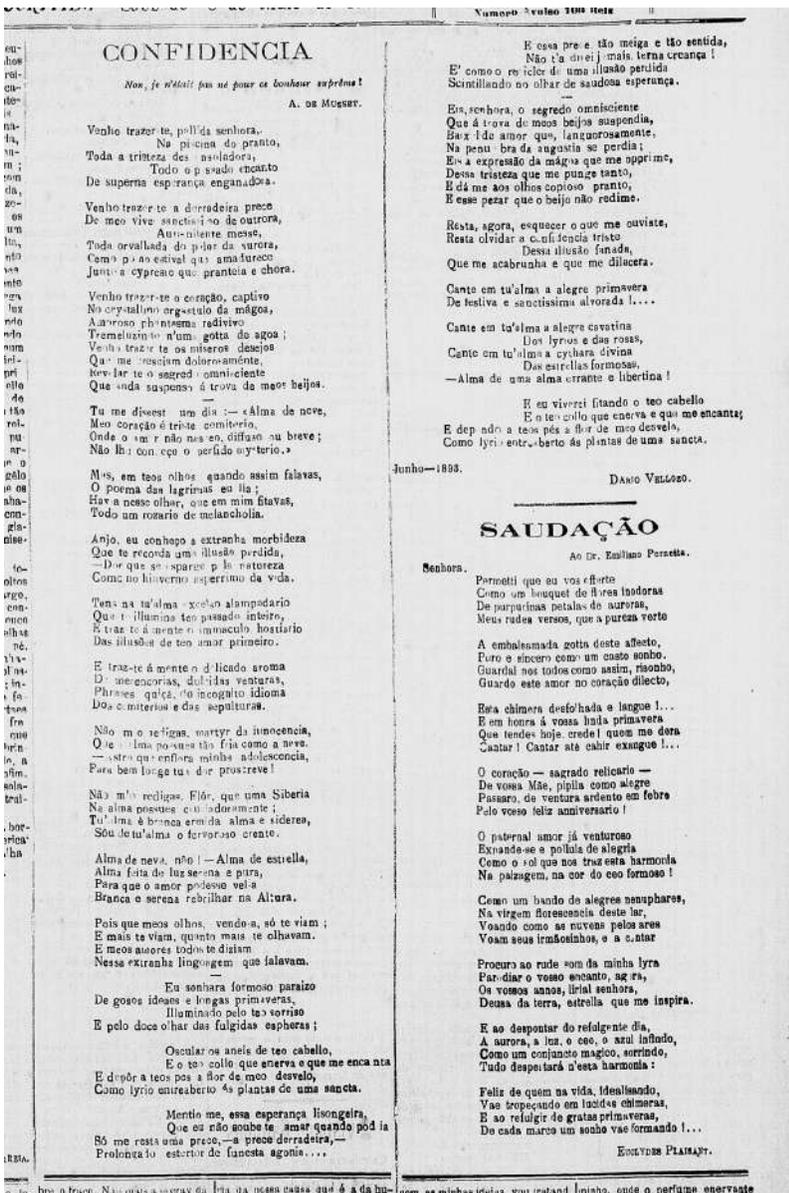


Fig. 1. — O poeta. Não havia a certeza da vida da obra, mas que é a da obra com as minhas ideias, vou tratando quando, e onde o perfume esvanece

Jornal: A República (PR), Edição 98, pag. 1

Data: 08/03/1897

Sobre: Poema de Dario Vellozo

Praça Carlos Gomes

ANGELA VARGAS

FESTIVAL DOS ACADEMICOS NO CLUB CURITYBANO

Realizou-se no domingo ultimo o festival que os academicos paranaenses offereceram a insigne declamadora patricia, sra. Angela Vargas Barbosa Vianna.



Um aspecto da encantadora reunião da Instituto Néo Pythagorico.

Os luxuosos salões da distincta sociedade curitybana apresentavam deslumbrante aspecto com uma assistência numerosa e selecta.

A festa transcorreu toda ella debaixo de grande enthusiasmo deixando em todos que a assistiram as mais gratas recordações.

NO INSTITUTO NEO PYTHAGORICO

O Instituto Néo Pythagorico, offerveceu á sra. Angela Vargas, no Templo das Musas, no Horto de Lysis uma reunião que se revestiu do encanto que caracteriza todas as suas festas de arte.

Grande foi a assistencia de membros e convidados do Instituto.

Na parte litteraria tomaram parte, dr. Julio Cozar Hauer que recitou formosa poesia que amanhã publicaremos; Ismael Martins que disse um soneto de sua lavra; senhorita Helia Silva que disse versos do saudoso poeta paranaense Emiliano Pernetta; Dario Vellozo, o grande tribuno patrio que pronunciou uma das suas magistraes e eloquentes orações e, finalmente, a homenaganda que declamou dois sonetos de Olavo Bilac.

A parte musical foi desempenhada com arte e apuro pelos distinctos musicistas patrios, senhorita Bianca Bianchi, a festejada poetisa do violino, madame Borio e dr. Sotero Angelo.

O RECITAL DE DECLAMAÇÃO NO THEATRO PALACIO

Hontem, no theatro Palacio realizou-se o annunciado recital de declamação da sra. Angela Vargas.

O successo alcançado pela distincta dama que Curityba hospeda foi identico aos que já tem ella obtido nesta capital.

A numerosa assistencia que accorreu ao popular theatro da avenida para ouvir a notavel declamadora, colmou-a de applausos entusiasticos, retribuindo assim a generosidade da festa de arte que lhe foi proporcionada.

UM CRIME BARBARO EM SANTOS
SANTOS, 15 (O Dia). — Deo se

**DEMITTIU-SE O GABINETE AL-
LEMAO**

Jornal: O Dia (PR), Edição 440, pág. 1

Data: 16/12/1924

Sobre: Reunião de Angela Vargas (com foto)

Instituto Neo-Pythagorico

Fundado, em Curitiba, a 26 de Novembro de 1909.

Das turmas da Escola Normal e do Gymnasio Paranaense alumnos espozaram a idea.

Approximava-se o momento da dispersão irremediavel. Concluidos os cursos.

Apoz trez annos de convívio diario, affinizados no estudo e na estima, soffriam ja a saudade das horas aladas.

Almejo perpetuar a lembrança dos collegas, o ensinamento decorrente das aulas.

Onde elo moral que não permitisse o fanar dos ideaes, nem o gelar nos corações o animo dos pendoros altruisticos?

— No culto da Amizade.

Os "Versos de Ouro" de Pythagoras, escriptos por Lysis sob o auspicio do Mestre, expressariam a finalidade moral do Instituto, a acção dos Amigos.

Compunha-se a pleiade inicial de Abigail Côrtes, Florentina Vitel, Isaura Sydney, Marietta Augusta Perretta, Noemia Machado da Luz, Arthur Ferreira dos Santos, Francisco Natel de Camargo, Julio Cezar Hauser, Julio Madureira Bittencourt, Lycio da Cunha Vellozo, Savino Gasparini. Logo depois, o dr. José Maria de Paula se reunia ao fundadores.

Leaes no sentir, lucidos de espirito, incorruptiveis nos principios, coube-lhes a primeira palavra, o pri-

meiro gesto magnanimo, o primeiro elance na divulgação e na reivindicacão das ideas geraes, dos deveres supernos, — luz de Krotona, — a aquecer e nobilitar a alma da infancia e da juventude, no lar e na sociedade, em alores espirituaes, espargindo alegria, esperança e pureza, confortando, indicando os caminhos da "Vida Perfeita", da Luz da Azia, de Eleusis, repetindo a lição do Philosopho:

"Bom filho, recto irmão, terno esposo e bom pae.

Sé; e para amigo o amigo da virtude

Escolhe"...

Na substituição de valores invertidos, no proclamar dos valores moraes, semeavam animo e bondade, o ideal que alenta, o sonho que edulcora, o trabalho que emancipa, o dever que recommenda e salva, applaudindo o regresso ao lar, á familia, aos costumes sadios, á simplicidade.

Em 22 de Setembro de 1918, a generosidade de pessoas dignissimas e devotados amigos, que haviam comprehendido a significacão moral dos intuitos pythagoricos e sentido a carencia de nucleos de irradiacão altruistica, permittio o erigir do Templo das Muzas, — consagrado ás artes, ás letras, ás sciencias, á Philosophia, ao civismo, ao merito, á Concordia, á PAZ.

(Continua na 2ª pagina)

ESPERANÇAS

Curity

Instituto Neo-Pythagorico

(Continuação da 1ª pagina)

De Curitiba, fadada a magnanimos destinos, a idéa expandio-se no Paraná, no Brazil, alcançou a America latina, chegou a Europa.

O circulo ampliou-se, os motivos nitidizaram-se.

O estudo da Natureza elevou o espirito á contemplação do Kosmos, desprende-o ao arrox das suggestões inferiores da materia densa.

No Kosmos integraram o lar, a patria, a humanidade.

A alma escutou a musica das Espheras, a harmonia dos rythmos eternos, percebeo a Essencia dos mundos, a unidade do Ser.

Encontrou a serenidade, adquirio a consciencia da solidariedade acolhedora.

A altura libertou-a ás paixões do baixo instinto.

Pensamentos de odio, vingança, aniquilamento, violencia não medram na alma do pythagorico. Entende, não é a força material criterio de Direito, nem a perturbação da ordem criterio de progresso, nem a sonegação de direitos criterio de justiça.

Confia na instrução e na educação, livre, escrupulosa e honestamente ministradas. Formar consciencias á luz da razão e corações ao achemo da bondade. Não amolgar cerebros e almas ao embate de particularismos hostis, não inspirar o sentimento de separatividade.

Instrue-se e instrue, educa-se o educa, indica e persuade, lembra e evoca, e "quando o erro triumpho, afasta-se e espera".

O habito dos sentimentos altruisticos e das ideas nobres ampara-o, e não o deixa reavalar nas gchennas das conorrencias vorazes, das incoherencias de pensamento e acção, nem abandonar a linha de caracter ao gesto seductor das miragens. Prefere a utopia da paz á utopia da guerra, o criterio da amizade que não trae, ao máo criterio da intriga que corrompe, do servilismo que mata moralmente. Nem tibieza de animo, nem insultuosa arrogancia: duas modalidades de fraqueza de alma.

Em amor dos seres, consagra-se á propaganda da concordia, da verdade e da justiça.

Rende preito ao merito, respeita a virtude.

No Templo das Muzas todas as crencas sinceras encontram guarida, todos os systemas philosophicos são ouvidos, todas as almas inquietas e ansiosas recebem conforto.

O Instituto não inspira e não esboza preferencias sectaristas; acolhe a expressão fundamental dos credos religiosos em seus fundamentos moraes.

Não opta por uma das escolas de Arte; cultiva a Arte.

Não decide a favor ou contra certo systema philosophico; estuda a Philosophia.

Pratica a solidariedade, — forma social da caridade, — para com todos os seres, espargindo a agoa lustural dos principios pythagoricos.

Não adopta os processos que ferem a ordem e o progresso da Humanidade, enluta as patrias e sacrifica a familia.

Repelle a guerra, vestigio da barbaria, crime collectivo.

Almeja o respeito á Lei, sua interpretação serena e cumprimento.

O philosopho estuda a lei no espaço, o legislador no tempo. A lei, para o philosopho, é absoluta; para o legislador é relativa.

O pythagorico insiste no valor do Methodo philosophico, indispensavel á boa marcha do espirito na apreciação dos factos.

Esforça-se no aclarar das consciencias.

Sem conhecimento perfeito, não ha consciencia perfeita; sem consciencia, julgar é impossivel.

Sciende da função fraternista do Brazil na America latina, e da America em a civilização futura, quando outro continente que surgirá do Oceano, reunir os Irmãos Superiores na cadeia cyclica da evolução planetaria, — insiste na transmutação de valores egoisticos em valores altruisticos, afirm de que o "homem da America" sirva os destinos do Genero Humano, não pervertendo, melhorando os ambientes animicos e sociais, adoptando ordem de sentimentos e ideas tendentes á concordia, esforços conjugados na pratica do Bem, inoldivido o criterio altruistico, a razão

formada para o discernimento, lucida a consciencia.

Nos principios fundamentais do Instituto:

A Amizade — por base,
o Estudo — por norma,
o Altruismo — por fim.

Decorrem de seus ensinamentos o respeito mutuo, a liberdade absoluta, a fraternidade incorruptivel.

Em sua realização, o Instituto procura formar a monada humana em os tres planos gerens da vida planetaria: physico, mental e moral. Conseguida o equilibrio estavel do ser, entram de apparecer possibilidades espirituas conscientes, a intuição de outros planos da Vida kosmica; ampliam-se os horizontes da alma, o principio de Unidade aclarar-se, a monada sente-se em harmonia com o Infinito.

Dissolvem-se os antagonismos da mente imperfeita, esvaem-se as miragens, as formas perturbadoras; o que era espirito de divisão resurge espirito de união, o que era odio muda-se em amor; energia e materia confundem-se na Substancia. E a Substancia irradia, uma em o Kosmos, Essencia manifestada, elemento unico e eterno de todos os seres, de todas as cousas, astros e areia, — arvia dos ceos e do mar, — arvia de almas, massa de corpos, luz e treva, feerismo, pensamento e archetypo de todas as formas, linha, cor, som, Arte, emoção esthetica — Belleza, vibração mental — Idea!

O Instituto procura elucidar e divulgar problemas indispensaveis á Razão, argamassa de conhecimentos

Jornal: O Dia (PR), Edição 442, págs. 1 e 2

Data: 18/12/1924

Sobre: História de criação do Instituto Neo-Pitagórico

AS QUARTAS O TEMPLO DAS MUSAS É UMA ANTENA IRRADIADORA DA ALMA DE DÁRIO

HEITOR STOCKLER

A cidade cresce virginoamente, os arrabaldes ligam-se ao centro por vias-nervos a paralelepípedos, urbanizam-se, civilizam-se, mas o Retiro Saudoso, é como que uma nota á parte, a recordar uma fase espiritual de Curitiba, guardando no seu recôndito ameno, o decantado Templo das Musas, nas suas linhas gregas impressionantes á orla do bosque evocativo, no bucolismo da saudade imensa. O Retiro Saudoso continua a envolver uma emoção suprema e o Templo das Musas é uma antena irradiadora da alma de Dário, que mora no arrabalde e lhe dá no culto inestinguível de Pithágoras uma feição de carinho, de bondade e de lianesa. Naquela tarde de domingo, sem sol, de céu de chumbo, com promessa de chuva, as portas augustas do Templo das Musas abriram-se, prazerosamente, como ao tempo de Dário. E Laertes Munhoz, o literato da palavra mágica, convidado pelo incansável continuador da obra meritória do Mestre de Krétona, para ali realizar uma palestra cultural, arrastou para o salão, seléta e culta assistência, a qual empolgou por espaço de 40 minutos com aquela fascinação oratória que só ele sabe ter.

Dário Veloso foi lembrado como sempre e trazido para o nosso lado através dos Versos de Ouro de Pithágoras e do sadio ritual da simplicidade e da ternura que reveste o ambiente. Loris Zugueib, de espaço a espaço, encheu o recinto magno com a máxima divinizada pela sua dedicação impecável de pianista consagrada, enquanto, nós

todos nos recolhíamos na contemplação de uma fase singular daquela casa, no conjunto branco do edifício á sombra do arvoredo e áquela hora serena do cair da tarde, sob o alarido ensurdecedor da pauprada em festa, quebrado de quando em quando, pelo mugir de rézes na pastagem dos cercados.

Então, como que se nos punha diante dos olhos estalados a figura amiga e acolhedora do Mestre, daquele Dário vitorioso da tribuna, da imprensa e dos serões das musas. E foi com o coração chocado por tantas evocações de coisas boas e sentidas que se ouviu Romêla Garzano, o joven idealista, que enfeixa nas mãos as atrações da escola de Pithágoras, encerrar a encantadora reunião de arte, que marcou nos anais gloriosos do Templo das Musas mais uma etapa a somar-se áquelas que Dário, com dias de ouro e ramos entaçouros nas arcas do Instituto, ao lado da magnífica biblioteca de mais de três mil volumes que é um atestado do espirito de Dário Veloso, cuja tradição enciclopédica ficou atizada numa estante povoada de livros selecionados e que ali se acham abertas para a meditação estudiosa que quer um a fonte inesgotável de saber para enriquecer o cérebro, disco incontestável, onde se deve gravar sem cancela e sem cessar, tudo que a sabedoria humana tem espolhado pela terra, nas páginas dos livros, revistas e jornais.

Jornal: Diário da Tarde (PR), Edição 13446, pág. 8

Data: 08/11/1939

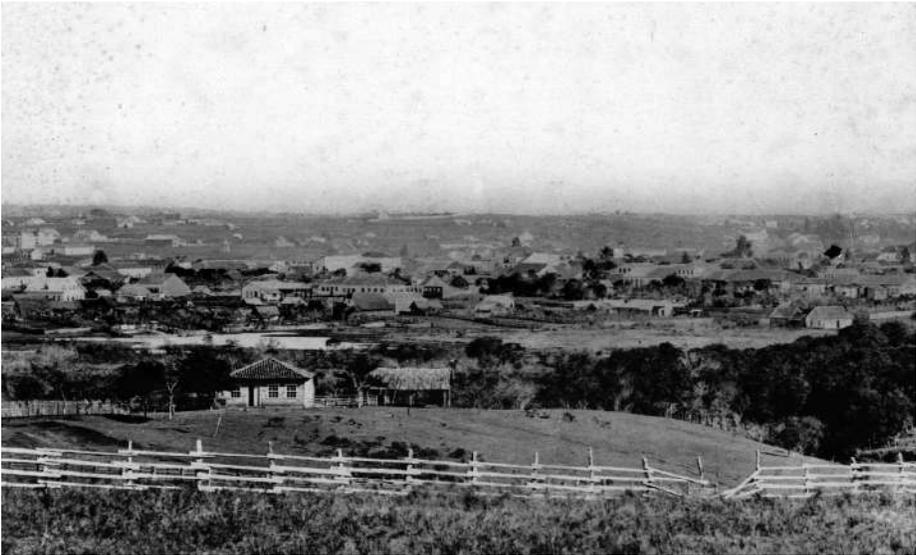
Sobre: Homenagem a Dário no Templo das Musas

2. Fotos

Nessa sessão há fotos do Passeio Público no período referido – final do século XIX finais da década de 1910 – e dos meios que Emiliano Pernetta e Dario Vellozo circularam. Destaco as vestimentas que usavam nas diferentes ocasiões, pois há um interessante estudo de Volpi (2017) em que discute os modos de vestir na *Belle Époque* carioca e pode servir de inspiração para trabalho semelhante entre os simbolistas paranaenses.

2.1- Passeio Público

Século XIX



Ac.112377 - MP.6508¹¹

¹¹ A partir desse local em diante, os dados são os de localização da fotografia no acervo. Para outras buscas, cf. o site do Museu Paranaense: http://www.memoria.pr.gov.br/biblioteca/index.php?id_biblioteca=5. Acesso 16 de março de 2018.



Ac.169997 - MP.1551

1900-1910



Ac.112361 - MP.6513



Ac.112371 - MP.6510



Ac.112375 - MP.6509



Ac.112367 - MP.6511

2.2- Fotos relacionadas a Emiliano Pernetta e Dario Vellozo



Ac.102917 - MP.258 - Casa onde nasceu Emiliano Pernetta



Ac.169584 - MP.26 - Fotografia: Banquete oferecido a Emiliano Pernetta na 'Ilha da Ilusão' no Passeio Público



Ac.112488 - MP.653 - Fotografia: Grupo de Intelectuais paranaenses em 1888



Ac.169585 - MP.38 - Fotografia: Grupo: Silveira Neto, Emiliano Pernetta, Santa Rita Junior e Nestor Victor



Ac.169621 - MP.181 - Fotografia: Santa Rita, Nestor Victor, Emiliano Pernetta e Manoel de Azevedo da Silveira Neto



Ac.170863 - MP.391 - Fotografia: Busto de Emiliano Pernetta



Ac.169855 - MP.1299 - Fotografia: Dario Vellozo

3. Numismática e Tridimensional

A coleção de Medalhas é bastante rica, de diferentes períodos, indicam as comemorações bem como os aspectos da cultura helênica que o INP prezava. Ao final se encontra a coroa de louro recebida por Emiliano Pernetta na ocasião de sua coroação como Príncipe dos Poetas.



Ac.113250 - MP.MO.143 - Medalha: Acácia. Recordação Instituto Neo-Pitagórico



Ac.113360 - MP.MO.381 - Medalha: Cinquentenário de Fundação do Instituto Neo-Pitagórico



Ac.113173 - MP.MO.1145 - Medalha: Instituto Neo-Pitagórico - Curitiba



Ac.113988 - MP.DA.1277 - Medalha: Homenagem a Dario Velloso - Instituto Neo-Pitagórico



Ac.114002 - MP.DA.1292 - Medalha: Homenagem do Instituto Neo-Pitagórico a Sócrates



Ac.115234 - MP.MO.154 - Medalha: Homenagem do Instituto Neo-Pitagórico a Sócrates VI



Ac.114870 - MP.MO.052 - Medalha: Homenagem do Instituto Neo-Pitagórico a Angelo Guido



Ac.114872 - MP.MO.056 - Medalha: Homenagem do Instituto Neo-Pitagórico a Hermes Fontes



Ac.122063 - MP.697 - Medalha Paraná: Homenagem do Instituto Neo-Pitagórico a Acácia



Ac.121302 - MP.6067 - Medalha Erasmo Pilotto: Homenagem do Instituto Neo-Pitagórico a Dario Velloso



Ac.115340 - MP.MO.203 - Medalha: Loja Dario Vellozo



Ac.115336 - MP.MO.198 - Medalha: Loja Dario Vellozo



MP.1114 - *Porte-bonheur* com uma coroa de louros, com as iniciais “E.P.”

4. Títulos da Biblioteca para consulta local

4.1) Revistas com poesias simbolistas e presença greco-romana (há alguns dos números)

A LAMPADA. Curitiba: Instituto Néo-Pitagorico, 1936-. Irregular.

CLUB CORITIBANO. Curitiba: [s.n.], 1898-. Mensal.

ESPHYNGE. Curitiba: [s.n.], 1899-. Mensal.

O CENÁCULO. Curitiba, PR: [s.n.], 1897-. Anual.

VELLOZO, Dario. **A escola**. Curitiba: [s.n.], 1907. (Revista do grêmio dos professores públicos).

4.2) Livros sobre o Simbolismo Paranaense

DO SIMBOLISMO aos antecedentes de 22. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1982.

GOMES, Raul Rodrigues. **Emiliano Pernetá**: o homem, o agitador e o artista. Curitiba: GERPA, 1959.

MACKINTOSH, Alastair. **O simbolismo e a art nouveau**. Barcelona: Labor, 1977.

MURICY, Andrade. **Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Conselho Federal de Cultura, 1973.

PILOTO, Valfrido. **Mensagem à juventude**: no templo das musas, sede do Instituto Neo-Pitagórico. Curitiba: Lítero-Técnica, 1975.

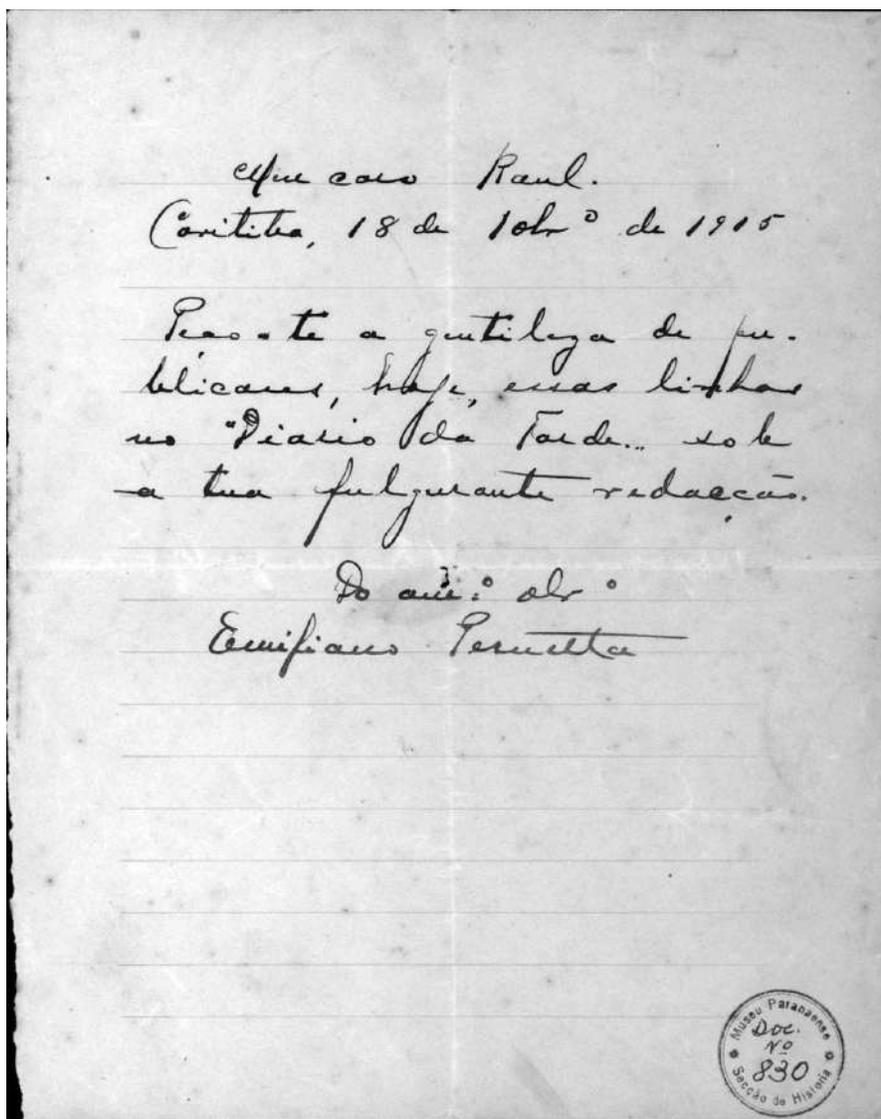
PILOTTO, Erasmo. **Dario Vellozo**: cronologia. Curitiba: [s.n.], 1969.

SANTOS, José Nicolau dos. **Emiliano Pernetá**: o catedrático fundador da Universidade Federal do Paraná: o poeta ainda inédito e desconhecido. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1982.

VELLOZO, Dario. **Cinerario**. Curitiba: Livraria Mundial, 1929.

VELLOZO, Dario. **Psykes e flauta rustica**. Curitiba: Instituto Néo-Pitagorico, 1941.

5. Outros documentos de interesse





O ITIBERÊ



ARVORE

Quem me dêra, Senhor, vélas ao vento,
Vélas ao largo, de embarcar agora;
Iria quasi um pouco comolento,
Mas feliz de embarcar e de ir-me embora.

Tudo quizera ver, por um momento,
Vagando nesse barco, mar em fóra,
Através dos meus oculos de augmento;
Que linda viagem! que manhã sonora!

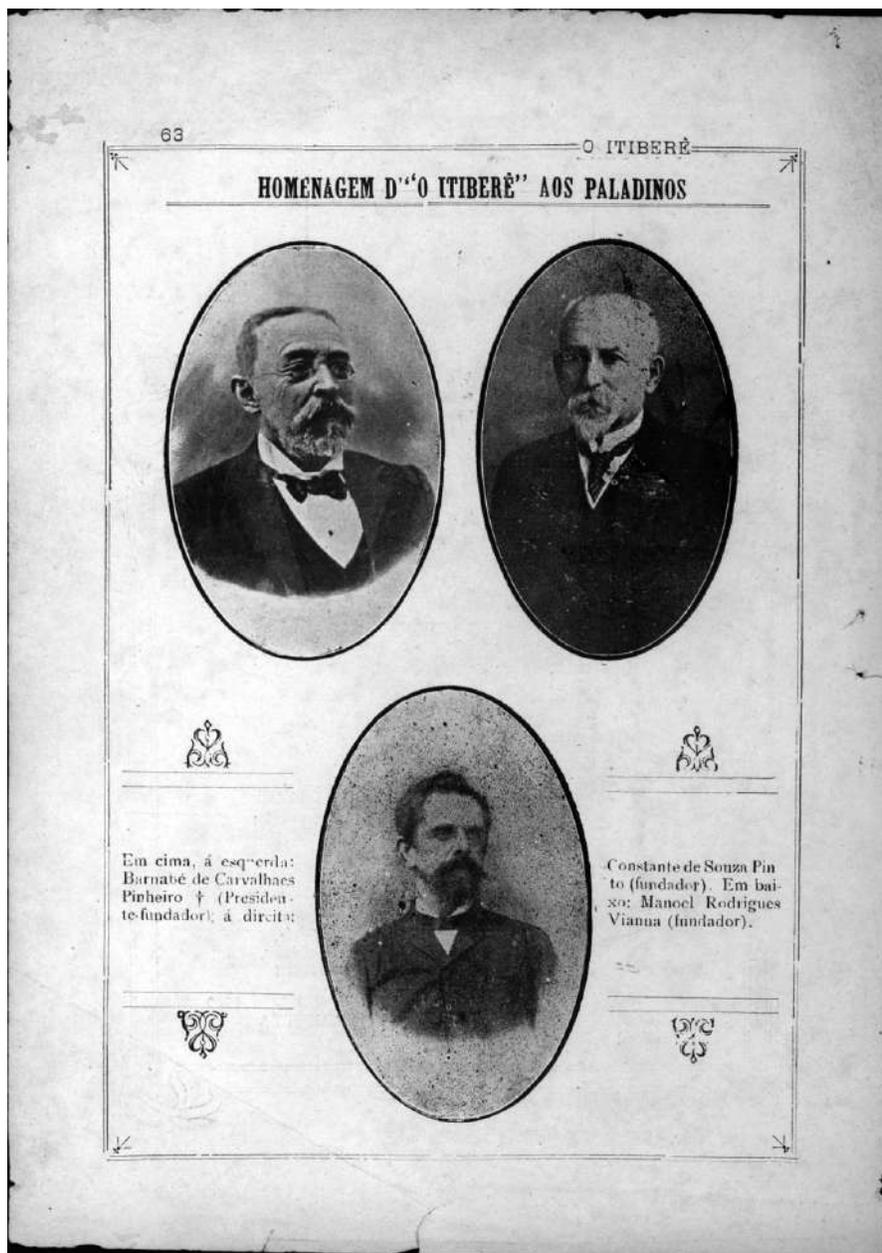
O destino, porém, varios matizes
Possue, para illudir; o deus astuto
Aqui plantou me, e eu criei raizes...

Agora, eu me consolo, e não relucto,
Vendo como os meus ramos são felizes,
Quando florescem, para dar o fructo!

1919

EMILIANO PERNETTA

(Credito)



Bibliografia Citada

BEGA, M.T.S. *Letras e política no Paraná – simbolistas e anticlericais na República Velhas*. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.

BELTRAMI, A.N. *Proezas alquímicas: a ciência e o esoterismo de Dario Vellozo na terra das Araucárias (Curitiba 1890-1913)*. Dissertação de Mestrado, UNB, 2009.

BELTRAMI, R.C.C. *Da poesia na ciência: fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná – uma história de suas idéias*. Dissertação de Mestrado. UFPR, 2002.

BERBERI, E. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos.

BERNAL, M. *Black Athena: the Afroasiatic roots of classical civilization*. Londres: Free Association Press, 1987.

BREPOHL DE MAGALHÃES, M.D; Paz, F. *O Paraná reinventado: política e governo*. 2. ed. Curitiba: IPARDES, 2006.

CARLAN, C.U., GARRAFFONI, R.S., CARNEIRO JR., R.A. (Orgs.) *Moedas Romanas: coleção acervo do Museu Paranaense*. Curitiba: Samp - Sociedade de Amigos do Museu Paranaense, 2015.

CARVALHO, J.M. *A formação das Almas – O imaginário da República no Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CHEVITARESE, A.L.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. O. *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Fortium Editora, 2008.

COELHO, M.C. ‘Apresentação Dossiê Recepção da cultura greco-romana no cinema, no teatro e na literatura’, *Classica*, 2013, pp. 111-115.

DUPLÁ, A. 'Clasicismo y fascismo: lineas de interpretación'. In: Álvarez Morán, M^a. C., Iglesias, R. M. (orgs) *Contemporaneidad de los clásicos en el umbral del tercer milênio*, Murcia: Universidad de Murcis, 1999, pp. 351-359.

FLORES, G.G. 'O raro do reles: um latim de bandido'. In. Sandmann, M. (org.) *A pau, a pedra, a fogo, a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski*, Curitiba: Secretaria do Estado e da Cultura, 2010, pp. 103-139.

FLORES, G.G.; GONÇALVES, R.T.; DABUL, R. *Algo Infiel – Corpo, Performance, Tradução*, São Paulo: Nexus, 2017.

FONTES, J.B. *Eros, Tecelão de Mitos: A poesia de Safo de Lesbos*, São Paulo: Iluminuras, 1991.

FOWLER, D.D. 'Uses of the past: Archaeology in the Service of the State', *American Anquity*, 52, 2, 1987, pp. 229-248.

FUNARI, P.P.A., SILVA, G.J., GARRAFFONI, R.S. 'Usos do passado e recepção: um debate'. In: SILVA, G.J., GARRAFFONI, R.S., FUNARI, P.P.A., GRALHA, J., RUFINO, R. N. (Orgs.). *Antiguidade como Presença: Antigos, Modernos e os Usos do Passado*. Curitiba: Editora Prismas, 2017, pp. 313-315.

GARRAFFONI, R.S. "Reconfiguração dos Estudos sobre a Antiguidade na Atualidade: os desafios de novas abordagens". In: Silva, H.R. (Org.) *Circulação das ideias e Reconfigurações dos Saberes*, Blumenau: Edifurb, 2014, pp. 77-91.

GARRAFFONI, R.S. *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

GARRAFFONI, R.S.. 'Satyricon de Petrónio e de Fellini: Aproximações e diálogos'. In: FUNARI, P.P.A.; FUNARI, R.S.; CARLAN, C.U. (Orgs.) *O Cinema e o Mundo Antigo - Antiguidade através da Sétima Arte*. Saabrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015, pp. 95-112.

GARRAFFONI, R.S. e STOIANI, R. 'Escavar o passado, (re)construir o presente: os usos simbólicos da Antiguidade Clássica por Napoleão Bonaparte'. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 6, 2006, pp. 69-82.

GARRAFFONI, R.S., FUNARI, P.P.A. PINTO, R. ‘O estudo da Antiguidade no Brasil: as contribuições das discussões teóricas recentes’. In: Hingley, R. *O Imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Editora Annablume, 2010, pp. 09-25.

GOMES, O. ‘A sagração do poeta’. In: *Textura*, n.º 2, 1981.

HARTOG, F. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Ed. UNB, 2003.

HEMINGWAY, E. *Paris é uma festa*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HERING, F. A. *Helenismo e imperialismo: a imaginação histórica britânica e a construção moderna da Grécia Antiga*. Tese de doutorado. IFCH / Unicamp, 2006.

HINGLEY, R. (org.) ‘Images of Rome: Perceptions of Ancient Rome in Europe and the United States in the Modern Age’, *Journal of Roman Archaeology Supplementary Series* 44, 2001.

HINGLEY, R. “The ‘legacy’ of Rome: the rise, decline and fall of the theory of Romanization”, in: Webster, J. et Cooper, N. (orgs.) *Roman Imperialism: post-colonial perspectives*, Leicester: University of Leicester, 1996, pp. 35-48.

HINGLEY, R. *Roman Officers and English Gentlemen – the imperial origins of Roman Archaeology*, Londres: Routledge, 2000.

HINGLEY, R. “Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa”. In: Funari, P.P. (Org.). *Repensando o Mundo Antigo*. Coleção Textos Didáticos nº47. Campinas: Gráfica IFCH-UNICAMP, 2002, pp. 27-62.

HINGLEY, R. *Globalizing Roman Culture - Unity, diversity and Empire*, Londres: Routledge, 2005.

HINGLEY, R. *O Imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*, São Paulo: Annablume, 2010.

JENKINS, K. *A história Repensada*, São Paulo: Editora Contexto, 2005.

KRISTIANSEN, K. ‘The Strength of the Past and its Great Might: An Essay on the Use of the Past’, *Journal of European Archaeology*, 1, 1, 1993, pp. 3-32.

LEMINSKI, P. *Ensaio e anseios crípticos*, Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

LOWENTHAL, D. *The past is a foreign country*, Cambridge: CUP, 1985.

MARX, W. “Paris”. In: Harding, J.(org), T. S. *Eliot in Context*, Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp. 25-32.

MARX, W. “Eliot and Maurras on Classicism”, in Lockerd, B.G. (org.), *T.S. Eliot and Christian Tradition*, Lanham: MD: Rowman and Littlefield, 2014, pp. 77-88.

MOLINO GARCIA, R. ‘Lecturas, interpretaciones y valoraciones de los clásicos greco-latinos en el tránsito del Antiguo Régimen a la Modernidad em Nueva Granada (1791-1815). In Garcia Terrera, M.C. *et ali* (orgs.) *Lecturas del Pensamento filosófico, político y estético*. Cadiz: Universidad de Cadiz, 2007, pp. 417-430.

MOMIGLIANO, A. *Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*, Bauru: Editora da USC, 2004.

NICOLATTO, R. “Em busca da Curitiba perdida: resistência e memória no inventário de Dalton Trevisan”, in: *Revista Letras*, 64, 2004, pp. 124-141.

PEREIRA, L.F.L. *Paranismo: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998 .

PEREIRA, M. R. M. 1996. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: Ed. UFPR.

RODRIGUES, H. e KOHLER, H. *Travessias e cruzamentos culturais – a mobilidade em questão*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

RUFINO, R.N. *O bimilenário de Augusto na Espanha (1939-1940): construções discursivas do franquismo sobre a Antiguidade romana*, Dissertação de Mestrado, IFCH-Unicamp, 2013.

SANCHES NETO, M. *A Reivindicação da província: a revista Joaquim e o espaço da estreia de Dalton Trevisan*. Tese apresentada ao IEL/Unicamp, Campinas, 1998.

SCHWARCZ, L.M. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SETTIS, S. *The future of the 'classical'*, Cambridge: Polity Press, 2006.

SILVA, G.J. e MARTINS, A.L. 'Genealogia e História Antiga'. In: Funari, P.P.A. e Rago, M. (orgs.) *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008, pp. 47-58.

SILVA, G. J., GARRAFFONI, R.S., FUNARI, P.P.A., GRALHA, J., RUFINO, R. N. (orgs.) *Antiguidade como Presença: Antigos, Modernos e os Usos do Passado*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

SILVA, G.J. 'Os avanços da História Antiga no Brasil', in: Venturini, R. L. B. (Org.) *História Antiga I – Fontes e Métodos*, Maringá: Editora UEM, 2010, pp. 95-128.

SILVESTRIN, M.L. *Olhares extremos: 1900 e as imagens do fim de século na imprensa curitibana*. Dissertação de Mestrado. USP, 2003.

STONE, M. 'A flexible Rome: Fascism and the cult of romanità'. In: Edwards, C.(org). *Roman Presences. Receptions of Rome in European Culture, 1789-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 205-220.

TREVISAN, D. *Em busca de Curitiba perdida*, Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

VOLPI, M.C. 'Modos de vestir na Belle Époque carioca'. In: Bonadio, M.C. e Simili, I.G. (orgs) *Histórias do Vestir Masculino – narrativas de moda, beleza, elegância*, Maringá: Editora UEM, 2017, pp. 17-34.

WILLER, C. *Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e poesia moderna*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

RENATA SENNA GARRAFONNI

Nascida em Ribeirão Preto (SP), Renata Senna Garraffoni é graduada (Unicamp 1997), mestre (Unicamp 1999) e doutora (Unicamp 2004) em História, tendo realizado pós-doutorado em Birmingham, Reino Unido. Professora no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná desde 2004, publicou vários livros e artigos na área de História Antiga, atualmente desenvolve, na UFPR, o projeto de pesquisa intitulado Arqueologia e História: a busca por um diálogo, e coordena, em parceria com Glaydson José da Silva (Unifesp), o grupo de pesquisa Antiguidade e Modernidade: História Antiga e Usos do Passado. Foi vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC - gestão 2012-2013) e editora da Revista *Classica* entre 2012-2014.

MUSEU PARANAENSE

Sendo uma das mais antigas instituições museológicas em funcionamento no Brasil, o Museu Paranaense tem se mantido no cenário cultural e científico brasileiro como promotor de importantes contribuições à história, à antropologia e à arqueologia do Paraná, desde sua fundação, em 1876. Ao completar mais de 140 anos de existência, o Museu oferece ao público esta nova coleção, *Histórias do Paraná*, em formato impresso por demanda e eletrônico, apresentando estudos selecionados por nós e pelo Departamento de História da Universidade Federal do Paraná para sua divulgação pela Sociedade de Amigos do Museu Paranaense.

Livros já publicados da Coleção

- **O Macabeu**
Imigração e identidade judaica no Paraná
de Michel Ehrlich
- **Entre sapatos e livros**
A trajetória de um sapateiro na militância comunista em Paranaguá, PR - 1935 a 1964
de Thiago Possiede
- **Política entre razão e sentimentos**
A militância dos comunistas no Paraná - 1945-1947
de Cláudia Monteiro
- **Imaginário da Formação do IV Reich**
América latina após a Segunda Guerra Mundial
de Marcos Meinerz
- **Os Arautos da Dissolução**
O imaginário anticomunista na imprensa regional - Paraná, década de 1940
de Marcos Gonçalves

